

MARIA DE CARVALHO BELO

Orientadora: Prof^a. Doutora Maria da Graça Sardinha

Dissertação de Mestrado no âmbito de **2º Ciclo de Estudos**
Conducente ao Grau de Mestre em Letras – Estudos
Artísticos, Culturais, Linguísticos e Literários -

Covilhã, Junho de 2008

AGRADECIMENTO

Antes de tudo, quero agradecer a Deus que me guiou neste longo percurso académico e me deu coragem, força e vontade para enfrentar todas as dificuldades no caminho da luta e da perseverança.

Desejo agradecer a todas as pessoas amigas que, directa ou indirectamente, contribuíram e me apoiaram na realização desta tese, em especial à minha orientadora Prof. Doutora Maria da Graça D'Almeida Sardinha sempre disponível para me receber, ouvir com interesse e ânimo todas as questões e retirar dúvidas e resolver os problemas que surgiram durante o processo de reflexão sobre o trabalho; também foi uma pessoa bondosa, por me ter acompanhado e despertado o meu interesse pelas questões da investigação. Esteve sempre disposta em me dar estímulos, em seguir o meu trabalho e as minhas preocupações.

Quero agradecer a Paula e ao Bruno pela ajuda que me deu no âmbito da informática.

Não posso deixar de agradecer à minha família, por todo o apoio, carinho e amor dos meus Pais, que tudo fizeram para que eu pudesse valorizar-me cada vez mais. À minha mãe, já na Paz de Deus, sei que no céu partilha a alegria dela comigo, pois é ela mesma a razão disto

tudo. Com ela continuo a desabafar todos os meus problemas e dela sinto que me vem a força interior para continuar.

Agradeço também ao meu querido Pai, de modo especial, porque me deu coragem para suportar pacientemente uma filha distante da vida familiar, durante estes anos.

Às minhas amigas/os e pessoas conhecidas agradeço profundamente.

A todos agradeço.

RESUMO

O presente estudo compõe-se de duas partes fundamentais:

- O Quadro Teórico
- A Proposta de Estudos das Lendas.

Para além de aprofundarmos conceitos acerca da (s) narrativa (s), apresentamos uma divisão das lendas, que em contexto de sala de aula contribuirão para a formação de leitores e, em consequências, para o desenvolvimento de competências em escrita e em leitura.

RESUMÉ

L'étude est composé par deux parties principales:

- l'encadrement théorique
- le propos d'étude des légendes

Ou mène une réflexion approfondie sur les concepts concernant le texte narratif et on fait une division des légendes pour qu'elles puissent se donner aux étudiants lecteurs que ou même temps font l'apprentissage de la lecture, bien que de l'écriture.

ÍNDICE

Agradecimento	
Resumo	
Resumé	
I - Introdução	8
II – Organização do Estudo	11
III – limitações do Estudo	12

CAPÍTULO I

1.- O Conto: Aspectos Gerais	13
2.- Inserir Os Contos Numa Perspectiva Histórica Sociocultural: - <i>O Crocodilo que se fez Timor e O Dilúvio</i>	17
2.1 – As Lendas na Actualidade	21
3.- Imaginário da Criança; Natureza e Criatividade	29
4.- Sociedade e Natureza: Que Contribuição Para Uma Identidade?	41
5.- Narrativa e Compreensão	46
5.1.- As Lendas e os seus Processos Narrativos	48
5.1.1- Processo Narrativo	48
- <i>O Crocodilo que se fez Timor</i>	
5.1.2 - Processo Narrativo	49
- <i>O Dilúvio</i>	
6.- Contos e Lendas – Literatura “Mouvante” ou “Fixée”?	51

CAPÍTULO II

1.- Uma Proposta Para o Estudo das Lendas	53
- <i>O Crocodilo que se fez Timor</i>	

- <i>O Dilúvio</i>	
2.- Objectivos -----	53
3.- Público-Alvo -----	54
3.1- Timor – Breve Resumo -----	54
4.- Metodologia -----	67
5.- Procedimentos -----	68
6.- Justificação dos Quadros -----	68
6.1- Quadro I -----	69
6.1.1- <i>O Crocodilo que se fez Timor</i>	
6.2- Quadro II -----	73
7. Conclusão -----	79
8. Bibliografia -----	82
Anexos -----	85

1. INTRODUÇÃO

A lenda do crocodilo é parte integrante do povo de Timor. Com estas palavras está explicada a pertinência deste estudo e a justificação da escolha do tema.

Como timorense, posso afirmar que esta relação com o crocodilo faz parte de todos nós timorenses. Assim, no âmbito desta dissertação, gostaria de apresentar propostas pedagógicas que levassem junto dos alunos a lenda do Crocodilo e também a do Dilúvio, numa perspectiva que lhes permitisse desenvolver mecanismos de aquisição e desenvolvimento de linguagem e, em simultâneo, proporcionar o enriquecimento no âmbito da multiplicidade de identificações fundamentais para a construção do eu.

Sabemos hoje que abordar questões ligadas aos contos tradicionais podem tornar-se uma mais valia para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Como se pode transformar uma criança num leitor? De que forma? Que valores transmitem essas lendas? Que tipos de imaginário tentam transmitir? Será que o maravilhoso continua a tocar-nos com “imagens” fundamentais para a formação da personalidade, ou já está completamente fora de moda?

Estas são as questões para as quais gostaríamos de obter respostas.

Nesse sentido, os objectivos que nos propormos atingir com este estudo são:

1. Construir um quadro teórico acerca das narrativas.
2. Apresentar uma proposta pedagógica para o desenvolvimento das lendas:

- *O Crocodilo*

- *O Dilúvio*

3. Formar Leitores.

4. Desenvolver o espírito democrático e de cidadania.

Frequentemente, estas lendas que fazem parte do nosso imaginário são descuradas como fonte inesgotável de recurso pedagógico/didáctico.

No seu contexto tradicional, tendo como género essencial o oral, transmitidas de geração em geração, estas lendas mostram a maneira de pensar do povo de Timor, através de um “sentir” enraizado na voz e no corpo.

Assim, como já são conhecidas de todos nós timorenses, a motivação está, logo à partida, iniciada. Por tudo isto, acreditamos

que as lendas já mencionadas podem ser uma fonte inesgotável de recursos ao serviço do ensino aprendizagem.

2. ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo está organizado em duas partes fundamentais:

Na primeira parte, para além da introdução e dos objectivos a alcançar, foi organizada uma componente teórica acerca da narrativa, das lendas e da identidade.

De seguida apresenta-se uma exploração científica/pedagógica das duas lendas: O Crocodilo que se fez Timor e o Dilúvio.

No final desta dissertação colocamos a bibliografia relativa ao estudo e ainda os respectivos anexos.

3. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

O tempo de que disponho não é muito. Todavia, este trabalho é assumido como uma proposta que pode ser desenvolvida consoante o tipo de público a que se destina.

No caso de se aplicar no primeiro ciclo será feito um acompanhamento mais dedicado à expressão oral.

Num ciclo mais adiantado, outras estratégias poderão, para além destas, ser experimentadas.

De qualquer modo este trabalho pode sempre ser adaptado a outros alunos.

CAPÍTULO I

1. - O CONTO: ASPECTOS GERAIS.

Naturalmente os contos são narrativas breves e simples, entretanto como são narrativas breves e simples, logicamente respeitam uma estruturação na sua exploração. Para explorar um texto necessitamos um esquema para poder estruturar a narrativa. O acontecimento de um esquema consiste em três partes: uma parte introdutória – fase inicial ou introdução –, a seguir o desenvolvimento – o corpo do texto –, e a conclusão – a parte final da história –.

Quanto ao estilo da narrativa de um conto, podemos falar em: acção, tempo e lugar. Pode haver uma só acção mas com personagens diferentes. Desse modo, a história é contada num curto espaço de tempo, acontece num determinado espaço ou lugar, isto é, um lugar geográfico onde se passa a acção.

A narrativa da história do crocodilo – O Crocodilo que se fez Timor – é identificada em semi-fábula, porque as personagens aparecem como retrato de um juramento entre dois rivais identificados com o homem e o crocodilo.

Na realidade a própria natureza do homem é capaz de gerar o texto narrativo segundo a sua faculdade intelectual, por isso os

alunos têm todo o direito e dever de adquirir conhecimentos possíveis tanto na escola como na sociedade.

Relatar uma história, nomeadamente um texto literário, é algo complexo, por isso, por um lado, precisamos de ter uma capacidade bem clara no conhecimento da língua, sobretudo nas formas de elaborar as frases e entender o modo como as frases se interligam, de maneira que estas possam constituir uma totalidade e um sentido global de um texto coerente. Por outro lado, há que compreender a ordem da organização global do texto e saber revelar as categorias da narrativa.

Geralmente, a história dos contos pode ser marcada a partir de três momentos principais: num primeiro momento, a criação e a transmissão de um conto davam-se oralmente; em seguida, os mesmos contos passaram a ser transmitidos por registo escrito; por fim, surge a criação por escrito dos contos, onde o contador da história assume a função como narrador e autor.

O conto possui uma forma simples, isto é, uma forma que permanece através dos tempos, recontadas por vários, sem perder a sua forma. O conto pode ser relatado com as próprias palavras do narrador sem que esta forma simples desapareça.

O modo de narrar um conto é caracterizado pela natureza da própria narrativa, isto é, o modo de contar histórias. Os contos às vezes são fictícios, contudo não há necessidade de investigar a veracidade ou falsidade, mas o que existe é mais a ficção, a arte de inventar algo através da imaginação.

A narrativa dos contos é sempre cheia de significados. Falamos de diversos ensinamentos da vida humana, com estrutura simples, histórias claras e personagens bem definidas. Assim, a criança pode divertir-se com a história estimulando a sua imaginação. Desse modo, a criança ganha a possibilidade de adquirir o sentido da sua vida.

Frequentemente o conto ajuda na resolução dos conflitos e dilemas. A criança vê muitas vezes no conto a solução dos seus problemas do dia a dia.

Os contos são sempre populares, pois fazem parte do nosso imaginário. Eles constituem um documento valioso, reflectem valores, crenças e tradições de uma determinada comunidade, neste caso o povo de Timor. As suas origens perdem-se nos tempos e podem variar de região para região. De maneira que a sua dimensão é específica, o conto tem a capacidade de nos transportar para o mundo do maravilhoso, criando o desenvolvimento em nós e a

capacidade de sonhar. Embora o crocodilo simbolize terror, também está ligado ao maravilhoso como algo que é nosso, da nossa terra e das nossas gentes.

A sua origem é de transmissão oral e tem uma finalidade lúdica e moralizante. A maioria dos contos recorre ao maravilhoso, apresentando muitos elementos simbólicos.

Existem várias fases do conto: a primeira é a oral, a qual não se sabe bem o seu início. A seguir é a forma, ou seja como é contado: a expressão é a linguagem mais os elementos concretos e a estruturação das palavras e das frases. Finalmente, o conteúdo é o material: personagens, acções e história. As personagens dos contos podem ser seres vivos – humanos ou animais –, mas nalguns são elementos da natureza e do imaginário.

Os contos são histórias contadas e recontadas oralmente, fazem parte da cultura e depois são registadas na forma escrita. Assim também são narradas geralmente pelos mais velhos em redor das fogueiras das habitações dos povos primitivos à noite, ao serão normalmente.

2. - INSERIR OS CONTOS NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL:

- O CROCODILO QUE SE FEZ TIMOR

- O DILÚVIO

Os dois contos surgiram no seio do povo, por isso, são considerados contos míticos ou lendas populares.

O primeiro é o mais conhecido do país. Esse narra a história de um crocodilo que se fez Timor. Naturalmente nas terras da Ásia, nomeadamente no sudeste asiático, habitavam crocodilos. E foi o que aconteceu em Timor. A história vem contar-nos que Timor era um crocodilo errante do Norte que congelou na forma do actual país. O autor tenta explicar a forma que tem a ilha de Timor, pois a forma da ilha faz-nos lembrar um crocodilo a nadar. Portanto, o autor procura explicar a origem da ilha justificando a sua forma. E assim se identificou a história da sua origem...

O crocodilo (lafaek)¹ é um dos animais de nome mais comum na temática da mitologia em Timor.

¹ Lafaek- significa crocodilo na língua nativa de Timor, o Tétum.

É mais conhecido na região porque os nativos consideram-no como agente de acontecimentos ligados à sua própria existência, quer como antepassado, o nome de *Bei-na'y* “Avô grande”, é o mesmo *We-na'y* ou *Be-na'y* “Senhor das águas”, e *Ray-na'y* “Senhor/Dono da terra, quer como responsável no povoamento de Timor. Essas são dadas como diferentes expressões, mas ambas tem o mesmo significado.

A natureza para os timorenses é sagrada, tal como para os povos primitivos em geral. Um objecto, um lugar, um animal, que se afigure sagrado para os timorenses, ou de virtudes mágicas, para bem ou para mal, é denominado “*lulik*”.² Assim surgiu a história do crocodilo, que é considerado como um animal sagrado ou “*lulik*”. Foi este que levou o primeiro homem à ilha e com ele celebrou uma aliança de amizade sendo avô ou avó. Assim também se chamavam os povos da montanha onde o crocodilo não existe. Embora ele não habite nas montanhas, também de maneira geral esse animal com facilidade povoou de medos e terrores a mente do povo que aí habita.

Segundo a história, os velhos timorenses afirmavam que o crocodilo é o antepassado ou avô. Até hoje em dia, alguns habitantes do país ainda o chamam por avô e fazem cerimónias rituais. Esses rituais são para os acalmarem e os forcarem à satisfação de um

² Lulik- Em Tétum, expressão dos nativos de Timor, quer dizer “sagrado”.

desejo, pois, fazem-lhes oferendas, realizam sacrifícios, e usam superstições como a crueldade e o satanismo.

Na região de Baucau, o povo de Seiçal ao pé da ribeira de Boro-Uai, todos os anos oferecia como sacrifício um cão e um carneiro, cozinhados com arroz e molho. Enquanto em Dili, antigamente os gentios³ punham luto quando se matava um crocodilo. Na actualidade ainda trazem ao monstro morto oferendas de arroz e betle⁴ com areca⁵. Em Laivai também procedem à mesma cerimónia.

O povo timorense considera-o sempre como devorador e dominador das águas. É por isso que o chamam *We-na'y* ou *Be-na'y* “dono das águas”, e *Bey-na'y* quer dizer “avô”. Deste modo, baseando-se nesses sentidos simbólicos julgam-se descendentes dele. O crocodilo é considerado como um animal mitológico que transportou no dorso para aquela terra o primeiro habitante. Portanto, a história do crocodilo permite-nos imaginar, analisar, estudar aquilo que o povo primitivo pretendia, que era, comunicar mediante os relatos para que agora possamos descobrir os acontecimentos reais neles retratados. É importante ter um método científico e crítico para analisar as histórias que possam revelar-nos a imaginação ou a realidade misteriosa do passado. A história diz-nos

³ Significa pagãos.

⁴ Planta trepadeira cujo nome científico é Piper Betle. A fruta é verde com um comprimento de cerca de 14 cm, com uma forma oval nas duas pontas. É mascada pelos nativos.

⁵ Fruta da Arequeira que nasce em toda a parte da ilha, sobretudo ao pé das fontes.

que ambos se encontraram à beira do coilão⁶, onde começaram a interagir-se o que permitiu que fortalecessem os laços. O crocodilo por natureza tinha a força necessária para poder derrotar o rapaz, mas, a bondade do rapaz dominava-o. A história continua a dizer, que de repente o crocodilo se transformou em terra na forma de uma ilha que por sua vez deu a vida ao homem. O rapaz transformou-se num homem forte, isso significa uma pessoa madura que tem autoridade sobre os outros.

Aqui se reflecte a crença tradicional timorense sobre a comunhão entre a natureza e os humanos. Para compreender tal história temos de analisar a filosofia primitiva timorense exprimida na sua mitologia e nas discussões formais. A maneira de contar as histórias dá mais importância ao sentido do que aos factos reais e datas históricas em si.

Baseado na lenda, os velhos dizem que a ilha de Timor tem a forma de um crocodilo, onde Cupão (Kupang) ou Timor Ocidental representa a boca. A parte central assemelha-se com a barriga, Lautém, a ponta leste, assemelha-se à cauda.

Relacionando ainda as ideias acima mencionadas, os dois rivais identificados, o homem e o crocodilo, tiveram poderes diferentes. O

⁶ Tipo pântano.

homem é racional, usa a razão e a bondade, mas fisicamente é fraco. O crocodilo é irracional, usa a força para comer o rapaz. Por ser irracional e porque usou o instinto para enfrentar a realidade, mesmo sendo forte fisicamente, morreu de fome.\$

2.1 - AS LENDAS NA ACTUALIDADE

Após a minha investigação e leituras feitas sobre os contos, lendas e mitos de Timor, nomeadamente os dois contos míticos, relacionei o evento da história do Crocodilo que se fez Timor com a realidade actual timorense. Julgo que a população em si ainda tem as características do crocodilo e do rapaz em comum. Embora a minha hipótese não seja verdadeira, por enquanto apenas teórica, pode guiar-nos a uma certeza baseada nesses fenómenos socioculturais. Portanto, esta não é meramente uma teoria especulativa sem base, mas uma descrição baseada nalgumas experiências empíricas que constantemente aparecem na sociedade timorense. Em comparação, dou o seguinte exemplo: se podermos compreender melhor esse conto num contexto de ajuda mútua entre duas tribos durante momentos difíceis, não era necessário fazerem-se guerras/conflitos, mesmo que fossem tão brutais como o crocodilo, bastava que qualquer pessoa pudesse convencê-las mais facilmente com a sua bondade e generosidade.

No que respeita ao relato do crocodilo anteriormente referido, existem também mitos ou narrações referidas aos conflitos étnicos ou tribais e pactos de paz como juramentos tradicionais. No entanto, a realidade timorense, sobretudo nas regiões interiores da ilha, mantém a mesma tradição da realização de juramentos tradicionais.

No plano ético, embora sempre de temer o espírito que o representa, não necessariamente maléfico caso os timorenses estejam de bem com a sua consciência. Caso se entrasse desprevenido numa das ribeiras infestadas, se qualquer crocodilo lhe fizesse mal ou se devorasse alguém, era porque, este lhe tinha feito ou dito algo de mal. Se pensasse bem do crocodilo e ninguém lhe tivesse rogado uma praga, nada lhe aconteceria. De maneira que, quando uma pessoa é apanhada por aquele, costuma gritar: avô. Antigamente quando entravam ou passavam numa ribeira onde havia crocodilos, costumavam atar uma fita verde de folha de palmeira na cabeça, numa perna e, algumas vezes, também na mão e chamavam para junto de si um cão. Assim, o crocodilo sabia, e não os mordia. Hoje em dia, quando atravessam um rio, se o virem, gritam sempre “Crocodilo, sou teu neto não me comas”. Um dente de crocodilo guardado em casa era amulêto contra incêndios e usado ao pescoço, protegia do próprio animal aquando da passagem das ribeiras.

Na região de Cailaco, na planície de Fatuberlio, em Vemasse (Baucau) e Luca, uma parte da população come a carne do crocodilo. Enquanto em Lautém, utiliza-se o crocodilo como juiz, isto é, se alguém acusar e se queixar um do outro e não chegar a um acordo, os acusados eram atirados nas ribeiras para os crocodilos se decidirem por um deles. Além disso não há dúvida que a maioria dos nativos dessa região (Lautém) também considera o crocodilo como “*lulik*” (sagrado), chamando-lhe “*avô*” e tomando – o como habitáculo das almas dos antepassados. Não o matam nem o comem, antes lhe levam o arroz e betle (bétel). Em Manatuto, os nativos têm uma tradição de crença com o crocodilo, dizem que ele é dono dos camarões do mar. Nos tempos remotos em Timor Indonésio, na região de Cupão, quando se nomeava um régulo tinha de oferecer-se uma donzela das mais perfeitas a um crocodilo que habitava nas águas da ribeira que atravessava a cidade.

Actualmente, sobretudo as novas gerações de Timor quase não fazem parte das cerimónias ou ritos tradicionais e crenças ao crocodilo; mas, em algumas regiões afastadas da cidade, ainda continuam a realizar-se essas cerimónias segundo as suas tradições. Com efeito, hoje em dia, muitos nativos caçam-no, utilizando armadilhas e espingardas para os matar para depois venderem e comerem.

Entretanto, esse animal domina a etnografia do povo timorense. O sítio onde se encontra mais é nas ribeiras de Seical em Baucau, Comoro em Dili, na Lagoa Marinha de Tíbar, nas margens das ribeiras de Lacló, Laleia, Vemasse e Lautém, na sua foz. Todas estas na costa norte e na costa sul, os coilões das planícies de Viqueque, os Sapais de entre Lacluta e a ribeira Dilor, as lagoas de Ué – Lenas, Ué – Lada e Tete – Rade, a ribeira Sahém, as planícies de Fatuberlio, as proximidades de Quiarás e outras ribeiras e praias.

O segundo conto mitológico, tão divulgado em Timor, é muito comum e muda de região para região. Há diversas versões sobre o conto “O Dilúvio” de acordo com as distintas regiões.

A história do dilúvio parecia ter noções de tradição bíblica através da missionação católica. Também tem características do conto tradicional, cuja estrutura se baseia na narrativa clássica, aproximando-se da mitologia grega – o mito de Deucalião e Pirra – que foram os únicos sobreviventes do dilúvio. Este dilúvio mitológico deu-se na Tessália, Planície da Grécia. Deucalião era filho de Prometeu – deus do fogo – e marido de Pirra.⁷

⁷ Vide in-« A Alma de Timor vista na sua Fantasia»; Lendas, Fábulas e Contos. Anotações e Glossários, pp. 52-53.

A história “O Dilúvio” era contada por um velho muito antigo da etnia de Dagadá.⁸ Tinha noventa anos de idade, era nativo da região de Lautém, distrito Lospalos. O velho ancião já tinha ouvido a história do dilúvio desde a sua infância e foi-lhe contada pelos velhos da sua região. Essa ficou na memória por via oral e depois foi ele que contou para as novas gerações.

O conto conta-nos que de facto os sobreviventes viveram grandes catástrofes. Esses sobreviventes foram um casal de irmãos, que depois se casaram, multiplicaram-se e da sua geração descendeu a humanidade que repovoou as diversas regiões da ilha.

O dilúvio é uma catástrofe que só traz à humanidade e à natureza a destruição. Algumas mensagens do conto dizem que Maupê e Puiôna foram os únicos sobreviventes do dilúvio. Sobreviveram como amerceamento de Deus para depois poderem repovoar a terra. Foram descendentes de um pai temente a Deus, o qual dava sempre sacrifícios a Deus. Foi o único entre os homens maus. Em seguida, os dois irmãos cumpriram os ensinamentos do pai e foram bons como o pai. Por fim, foram a arequeira⁹ e o coqueiro que lhes salvaram a vida.

⁸ Designação dada aos nativos de etnia de Lautém, um concelho do distrito de Lospalos, e esses são conhecidos pelos outros povos da ilha, o nome do dialecto que eles falam é o “fata-luco”

⁹ Árvore que dá areca.

Andaram por toda a parte da ilha mas não encontraram nenhum ser humano. Os seus olhos só viam a solidão e aos seus gritos apenas respondiam o silêncio e o eco dos vales e das cavernas. Entretanto, resolveram casar-se para repovoar a terra.

Os dois contos são comuns porque ambos têm como base a tradição bíblica através da missionação católica. Ambos, segundo a tradição, são contados em versões diferentes, dependendo das regiões onde são contados. Os dois são contos míticos e bem conhecidos em regiões diferentes de Timor, pois embora a ideia básica nunca mude, os nomes às vezes divergem e nem todas as cenas são idênticas. Por exemplo, a lenda do crocodilo depois de ser divulgada teve vários títulos após ser contada. Segundo a tradição oral, davam-lhe o nome de "*Avô Crocodilo*". O primeiro caracteriza-se como um mito de origem da ilha de Timor. Além disso, a história em si diz-nos que o crocodilo e o rapaz vieram da tribo de Macassar na ilha de Celebes (Sulawesi). Por isso, julgo que há uma relação com a ilha de Macassar como o sítio de naturalidade do antepassado mítico dos habitantes de Timor. De facto, o étimo relacionado com a etnia Macassae do concelho de Baucau, é, sem dúvida alguma, com a denominação Pante Macassar dada à sede do concelho do enclave Oecussi, daí derivado metaforicamente.

O conto é comparado com as várias relações existentes entre Macassar e Timor, de natureza migratória, militar e económica, a partir do século XVI. Os reis de Tolo, na Celebes, eram considerados dominadores/soberanos de Timor, e só a presença portuguesa evitou que eles se assenhorassem militarmente da ilha. O segundo conto na tradição oral dava-lhe o nome em língua nativa (tétum) “*Rai Naben*”, que na língua portuguesa significa “Dilúvio”. Assim, esse conto relata, como é que evoluiu o povo de Lautém (Lospalos) após o dilúvio.

Os dois contos/lendas também fazem parte das riquezas culturais de Timor porque têm uma função importante no processo de construção da sociedade do país. É necessário conservá-los e desenvolvê-los e dar a conhecer aos outros povos do mundo o próprio ser do povo timorense, como por exemplo, a sua maneira de ver, pensar e interpretar a vida no aspecto sociocultural ou seja as características daquele povo.

Hoje em dia, a civilização em Timor evoluiu, mas a sua crença, os seus costumes, no seu apego a um passado mantém-se inalterável. Ainda existem no interior do país, sobretudo nas aldeias. A união tribal era e é muito forte, a mentalidade forma a sua maneira de ser e estimula o comportamento e a maneira de agir ou criar laços de amizade entre eles. Portanto, Timor ainda tem uma forte tradição

oral. As histórias passam de boca em boca, normalmente através dos velhos. Muitas destas histórias caracterizam-se pela imaginação que misturam com alguns factos reais. Algumas delas têm ensinamentos morais, outras servem para distrair. Sem a tradição de escrita, é assim que a educação e o conhecimento do passado vão sendo ensinados aos mais novos e a sua imaginação é exercitada.

Os textos são conservados na memória dos *Lia – Nain* (Senhores da Palavra). Mas as palavras leva-as o vento. Daí que é sempre bom que se proceda ao registo escrito.

3. - IMAGINÁRIOS DA CRIANÇA: NATUREZA E CRIATIVIDADE

A criança tem de ser disciplinada, instruída para o desenvolvimento dependendo das suas capacidades intelectuais abstractas, as quais concebem o cálculo e o raciocínio. Gaston Bachelard foi o primeiro filósofo do séc. XX que aceita a dupla visão antropológica e que desenvolveu na sua obra uma epistemologia da ciência, uma educação na abstracção, uma poética favorável à criatividade da imaginação, metafórica, analógica e simbólica.

Ainda o mesmo autor, seguindo Ernesto Cassier, e Carl Gustav Jung tenta estudar a lógica da esfera simbólica, e diz-nos para tomar o imaginário de novo, reconhecer-lhe a função de regular e considerar a parte poética (literária), o desenvolvimento do imaginário e o raciocínio. De tal modo, a escola deveria formar o pólo racional e o pólo onírico e poético da criança.

Os problemas gerados à pedagogia do imaginário da criança foram ignorados, negados ou menosprezados durante muito tempo.

1. O primeiro problema refere-se a uma pedagogia do imaginário da criança durante a infância. Este imaginário ou

inteligência abstracta sofrem uma evolução constante, o que permite o amadurecimento e melhor adaptação da criança ao longo do tempo.

Assim o autor defende o seguinte:

a). - Na primeira etapa, a criança descobre as primeiras formas da imaginação num plano sensório-motor, segundo o ponto de vista genético. Antes disso, Henri Wallon e Jean Piaget apresentaram modelos de evolução das faculdades psíquicas de que faz parte a imaginação. A criança activa o seu corpo pelo simples prazer, ao saber servir-se dele de maneira adaptativa para adquirir uma autonomia ou para agir intencionalmente. Portanto, para desenvolver o conhecimento da criança não a podemos obrigar a fazer algo que ainda não permanece na sua imaginação, mas sim, naquilo que só ela é capaz de fazer ou pôr em acção. Todavia, esse jogo corporal é como imaginário futuro, pois, é através da linguagem e do simbólico que irá permanecer e fixar as estruturas e funções elementares. De tal modo, Gilbert Durand confirmou-o sublinhando as grandes estruturas antropológicas do imaginário.

Entretanto, como o corpo é um instrumento de adaptação externa e é uma fonte de vida lúdica, assim, a criança se distingue do animal. Estas funções lúdicas (fundadas de várias ideias, repetições gestuais, etc.) permitem descobrir sensações, posturas, que se voltam

a encontrar num plano cultural, nos jogos de vertigens e de competição (ilinx e agom) que R. Caillois distinguiu na sua tipologia dos jogos sociais.

b). - Na segunda etapa, dá-se o acesso ao plano simbólico. A criança antes da linguagem tem a capacidade de representar a mímica a “*fazer como se*” estivesse na realidade. Com a imitação vai abrindo plano para as simulações na ausência das coisas, e a existência dos jogos imaginários no “*como se*”, fosse na base da ficção.

c). – Na terceira etapa, o acesso à inteligência abstracta, toma formas de conhecimentos numa “*lógica*” de jogo e do imaginário que lhe corresponde. Os jogos de sociedade, valorizando as regras, não têm uma forma completa de abstracção do imaginário.

As diferentes etapas dão a compreender como o imaginário é: estratificado, hierarquizado, arborescente. O imaginário não é reduzido a uma constituição simples: homogénea, uniforme, susceptível de juízos, de apreciações e de instrumentalizações unidimensionais. Daqui resultam duas preocupações para a educação familiar e escolar: por um lado, a expressão do imaginário tem de ser actual, desde a educação sensório – motora. O imaginário complexo e cultural é condicionado por uma vitalidade psíquica, um esquema corporal e mais largamente uma unidade ritmo – fásica. Por outro

lado, o imaginário não faz esforço na esteira da linguagem, da verbalização, da narração, como a cultura e a escola às vezes incentivam. Os imaginários da criança obrigam a não separar o literário do corporal e também para enriquecer o imaginário narrativo com os próprios conhecimentos. A utilização da imagem consiste em repetir para raciocinar. A criança entra em contacto, durante o seu desenvolvimento, com vários imaginários, corporal (mimo, teatro), plástico, verbal e até musical.

2. O segundo problema é relativo ao polimorfismo do imaginário. Como resultado, as imagens da simbologia têm muitas formas, que necessitam de abordagens e de tratamentos específicos. Primeiro, os imaginários vão comparar uma árvore composta por ramagem visível, tronco único, e de raízes ocultadas possuindo, ainda assim, a vida do todo. A nossa esfera imaginária é complexa em vários níveis de vida, mas a sua educação e ideias podem motivar a diversidade.

a)- Assim, a criança mostra o imaginário do seu ambiente, baseando-se na experiência do conhecimento, na história e na geografia. As imagens vêm da compreensão, do vivido, da imaginação que o faz memorizar, modificar, recombina, iniciando a fantasia do passado.

Entretanto, este poder de alteração da experiência sempre foi interiorizado, de modo simples. Só o poder da imaginação (de Decartes e Freud) é que não clarifica sobre a significação de algumas das suas combinações. Algumas transformações essenciais das nossas imagens podem aparecer como ideias de carácter poético. No entanto, podem também tornar-se uma doença, ou até a loucura. O desenho dos objectos monstruosos tem valores diferentes porque a extra plástica não tem capacidade intelectual.

b)- Numa segunda parte, o autor já citado estabelece uma comparação ao tronco da árvore das imagens. A comparação do imaginário aos esquemas e configurações inicia-se com as estruturações transindividuais, em particular gráficos ou narrativos permanentes. A imaginação inspira a organização de imagens, verbais ou plásticas, constrangimentos unificantes, por exemplo: uma gramática formal das imagens (como o ilustram a Gestalpsychologie para o desenho, as estruturas sintácticas para a poética).

C)- Quanto ao terceiro plano, as razões da árvore das imagens reenviam as imagens simbólicas, originárias, arquetípicas, verdadeiras matrizes universais. Gaston Bachelard publicou o poder do significado e função das raízes na resolução dos quatro elementos naturais (fogo, ar, água, terra). O imaginário é quase universal nos seus conteúdos, fonte de universalidade e partilhado. Um imaginário

tem o seu eixo próprio, contigente, limitante, torna-se real num ambiente. Enquanto por outro lado o eixo imaginário não deixa variar universais temporários. Contudo, a escola educa cada criança para ser um indivíduo que possui a universalidade e mesmo inter e trans-cultural. Quanto à diversidade dos imaginários, a escola permite (educa, ajuda) a cada criança a crescer psiquicamente e fisicamente como indivíduo responsável na sociedade e mesmo inter e trans-culturalmente.

Uma das dificuldades que provém do imaginário, tem um carácter de cada parte dos que são utilizados e valorizados. Assim, a ideia literária, narrativa ou poética preocupa-se com assuntos de criatividade linguística, como a inscrição corporal (desenvolvimento) nomeadamente de imagem da imaginação, porque a presença de um par verbo-icónico faz com que a imagem linguística active um embrião de intuição visual e mude toda a imagem visual que necessita de se manter num plano verbal. O importante na pedagogia do imaginário é activar e complementar os dois regimes (narrativa e desenho, por exemplo), para evitar a redução do psiquismo imaginante pela valorização de uma única expressão.

Baseando-nos em algumas ideias acima mencionadas, creio que a criatividade é de natureza intelectual e emocional. Por isso, a criança expressa-se de forma tão clara e dinâmica. Ao criar algo, as

crianças demonstram atitude intelectual e acção intensamente feliz. Brincando ou jogando, as crianças demonstram confiança nas suas explorações, reorganizando, continuamente as suas ideias, entendem as formas e normas e dão-lhes alternativas.

Na formação de qualquer criança é importante ouvir histórias contadas pelos pais e professores. No início da aprendizagem, tem de escutá-las para poder ser leitor, no qual obterá um caminho infinito de descoberta e de compreensão do mundo. O contador de histórias tem de saber interagir com a leitura, ao mesmo tempo para poder dar o gosto aos seus ouvintes. Contar uma história é uma experiência de grande significado para quem conta e para quem ouve.

3. O último problema, é o problema didáctico/ético que consiste em saber provocar a imaginação da criança, pois, esse está no meio para educar, de maneira que todas as vezes pede e respeita a sua criatividade, a sua espontaneidade e a sua inventividade subjectiva e singular, embora diferentes. De um lado, a imaginação que não é uma função anómica, caótica, subjectiva, mas de um certo modo, é contraditória a uma inteligência cognitiva, racional, fundamentalmente estruturada por uma lógica e regras de métodos. A imaginação tem portanto as suas leis e vias.

Gaston Bachelard clarifica a lógica do imaginário mostrando a obediência da imaginação perante as leis da simbologia e os significados, tal como as leis narrativas e as suas funções. O imaginário não é flutuante, anárquico, associativo: nas suas representações revela estimulação de acanhamentos, sem fazer inveja à racionalidade. O que importa é despertar o poder do imaginário da criança, com uma pedagogia progressiva – ou uma educação desenvolvida –.

Naturalmente os constrangimentos que se manifestam dependem da imaginação, da força psíquica, dinâmica individual, que sobretudo modifica, desenvolve, e transforma as imagens. De tal modo, o processo imaginativo é algo único e imprevisível. Mesmo que as obras testemunhem origens, universais e invariantes, a ideia intelectual ou materializada da imaginação é única, levando a criar e a ultrapassar as descobertas anteriores. Aqui o devaneio é um processo de renovação. Nesse caso, a pedagogia do imaginário tenta não ser contra-protutiva ao exercer a condição e normalização de algo que contradiz a auto-emergência individual contraditória. Nesse sentido, a pedagogia do imaginário é aceitável perante uma contradição. Há contradição da pedagogia do imaginário, por isso, é necessário estar no meio para educar, estimular, guiar e enriquecer, realizar uma só ideia. No entanto, livre da imaginação individual,

capaz de dizer o carácter do ser. Bachelard menciona que o problema prático é idêntico ao problema teórico. De um lado se não libertar a ciência do imaginário excepto por uma geração, significa que, o desvitaliza e o aliena, pois, implica o não estudar imagens. Após essa tentativa, por fim, não consegue produzir uma tautologia, um auto-ilustração do poder da imaginação significativa. A imaginação obriga-nos a raciocinar. A imaginação é algo complexo e inédita que exige várias ciências.

O acompanhamento educativo da criança consiste em usar dispositivos do despertar, do reforçar, do estruturar, porque a imaginação pode ficar bloqueada, inerte, esclerosada . Se ela (a imaginação) não é alimentada, exercida, guiada, anula-se. Assim, deve dar-se à criança oportunidades de estimular a sua criatividade própria, favorecendo, a diferenciação singular em cada um dos planos.

Os deveres do educador face ao imaginário são ao mesmo tempo vitais e problemáticos, mas, podem-se reconciliar a lógica com a espontaneidade, os constrangimentos e a liberdade. A pedagogia do imaginário deve estar clarificada com as imagens em várias dimensões. Não é necessário eliminar o imaginário do corpo e da vida. Quanto a isso, há experiências formadoras que associam a estimulação cultural da imaginação como: em meios envolventes de

museu, em apelos à criatividade mais profunda, exemplo: pedindo à criança que imagine e fabrique o móvel dos seus sonhos. Assim, a riqueza da cultura simbólica, associada a uma incitação à criatividade gestual, que Gaston Bachelard tinha valorizado, a partir da análise cultural dos imaginários, dos artesões, pode permitir à criança tornar-se plenamente mestre do seu cérebro, activando as suas forças imaginárias pessoais e desenvolvendo as suas aptidões para a abstracção, fundamento da sua plena humanidade.

Sublinhando as ideias acima mencionadas em relação à função pedagógica narrativa dos contos na aula, é precisamente onde a criança aprende a ler a sua mente na linguagem das imagens. Esta é a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirem a sua maturidade intelectual. Deste modo, em particular, cada criança deve procurar na história, um significado diferente de acordo com as suas necessidades e interesses em cada fase da sua vida. Em alguns contos falam de medos; de amor; da dificuldade de ser criança; de carências; de auto descobertas; e de perdas e buscas; entre outros...

Na história, a criança projecta-se momentaneamente nas personagens e penetra o mundo de fantasia, vivenciando um contacto mais estreito com os seus sentimentos e elaborando os seus conflitos e emoções. Desta maneira ela cresce e desenvolve-se. A história funciona como uma ponte entre o real e o imaginário. Por

meio da história, a criança observa diferentes pontos de vista, vários discursos e registos da língua. Amplia a sua percepção de tempo e de espaço e o seu vocabulário. Ela desenvolve a reflexão e o espírito crítico, após a leitura. Ela pode pensar, duvidar, perguntar a si própria e/ou aos outros.

A literatura para a criança é uma fonte inesgotável de assuntos que não acaba, para melhor se compreender a si e ao mundo. Portanto, o professor precisa introduzir na sua prática pedagógica a literatura formal, a qual irá contribuir para o crescimento e a identificação pessoal da criança, facultando-lhe ao aluno um saber de várias maneiras de resolver problemas, despertando a criatividade, a autonomia porque estes elementos são necessários na formação da criança na sociedade actual.

A pedagogia da literatura infantil para as crianças nas escolas deve despertar o gosto pela leitura. No entanto, a literatura pode incentivar, a fruição, a alegria e encanto, no momento em que o aluno descobre a ideia. De tal modo que, o aluno desenvolve a sua imaginação, os sentimentos, a emoção, a expressão e o movimento através de uma boa aprendizagem.

Para desenvolver o conhecimento, a literatura dá oportunidade às crianças e possibilidades para desenvolverem capacidades que

facilitam os processos de aprendizagem. Estas habilidades são necessárias para o aumento do vocabulário, nas narrativas, na interpretação de textos, no desenvolvimento da linguística, na reflexão, na criticidade, e na criatividade. Estas capacidades favoreceriam as novas leituras. Assim, o leitor é capaz de fazer inferências e novas releituras, dando mais possibilidades ao processo de ensino – aprendizagem da língua e das outras disciplinas.

Acontece também às vezes uma grande dificuldade no ensino dos contos e lendas, pois geralmente afastam-se das disciplinas relacionadas com a área por se considerarem os conteúdos complexos e pouco claros. Por outro lado, o desenvolvimento da aprendizagem dos contos é um processo que exige conhecimentos, como raciocínio, abstrações, noções únicas que as crianças ainda não dominam.

4. - SOCIEDADE E NATUREZA: QUE CONTRIBUIÇÃO PARA UMA IDENTIDADE?

Na obra *In Search of Nature* (1996) sobretudo no capítulo “A cultura como um produto biológico”, o autor Eduardo Wilson defende que a nossa compreensão do comportamento social e das instituições vai alterar as interacções socioculturais e também a biologia se vai desenvolvendo.

Relação entre cultura e início da evolução biológica: As mudanças lutam para manter o mesmo organismo. Assim, Darwin defendeu que a selecção natural é a principal força que guia a evolução genética dos organismos estudados. Porém, Wilson diz-nos que o homem faz parte da metade dessa evolução. Entretanto, a evolução humana é um sistema de dois vectores composto por: mudança genética e mudança cultural. A mudança humana cultural é mais desenvolvida do que a genética e é limitada e direccionada pelas partes limitadas do cérebro e das capacidades de raciocínio. Por exemplo: os homens ouvem e vêem mas o seu interesse depende do sentimento e do gosto.

Wilson defende que na evolução ambas se afectam. Assim, a evolução cultural afecta a biológica, criando um ambiente em que esses factores de transmissão são examinados da selecção natural. Os

genes e a cultura não são ligados, e a cultura é determinada, pois pede o desenvolvimento mental e individual do homem. Exemplo: Em relação aos vários níveis de desenvolvimento do homem e ao analisar as teorias de desenvolvimento moral de Piaget e de Kohlberg, verificamos que as questões de justiça e da moralidade são estudadas entre as pessoas.

Uma grande motivação pela ética e educação ambientais (Kahn, 1999, Robottom, 1987), assim como os estudos de Peter Kahn (1999) Lourenço e Kahn (2000) dizem-nos que é necessário desenvolver o tema, (as questões da justiça e da moralidade) as relações entre homens com a natureza.

Os investigadores atrás referidos nas suas investigações chegaram a um acordo para que houvesse provas que confirmassem as éticas tradicionais. Que são: a ética da justiça (i.e., não tratar o outro injustamente; Kohlberg, 1984), a ética do cuidado (i.e., não abandonar o outro em necessidade; Gilligan, 1982), a ética da conservação: uma ética que nos manda proteger e respeitar a natureza. Essa é a terceira ética, a sua função é para completar as duas mais tradicionais.

Orlando Lourenço e Peter Kahn, em 2000, com um grupo de jovens apresentaram questões para motivar o desenvolvimento da

sua investigação, que tem como objectivos laterais em relação à reflexão e em relação entre a sociedade é natureza e a sua contribuição para a construção da identidade pessoal.

No artigo “Identidade Pessoal Experiência Humana” (2004:17), Francisco Teixeira escreve: “ Na verdade, o que a biologia nos diz é que a nossa conduta afecta a nossa fisiologia e que a nossa fisiologia afecta a nossa conduta, sem que, porém um domínio se possa subsumir no outro”.

Num artigo da obra de Francisco Teixeira “Autopiosis e Identidade Pessoal” este autor salienta um dos nove “universais das realidades narrativas” apresentados por Bruner, que estruturaram um modo de dar sentido ao mundo e ao real através de história que os homens contam a seu respeito” (idem:152).

O narrativo em comum é destacado “a negociabilidade inerente” das histórias que se contam e que não contam sobre a vida. Para as crianças, o desenvolvimento de si e do mundo acontece através de um processo de negociação narrativa com as pessoas que lhes são próximas, em que as várias versões do mundo são consideradas disponíveis ao mesmo tempo. O envolvimento essencial por parte das crianças, nas histórias que lhe são contadas, ainda é original através de um processo contínuo e deslizante (idem:156).

As narrativas literárias ou não, despertam emoções, pois através da leitura ou audição de narrativas literárias sobre a natureza (com enfoque no animal, na perspectiva que escolhemos) a criança possa sofrer o desenvolvimento ecológico-moral que contribuirá, potencialmente, para uma forma de se olhar a si própria e ao mundo, numa perspectiva descentrada do ser humano (ou pelo menos não exclusivamente centrada nele), valoriza a natureza mais íntima e não só utilitarista, seja um utilitarismo mais materialista/antropocêntrico. (exemplo: “ as árvores são importantes porque produzem oxigénio para os seres humanos respirarem”) ou utilitarismo de cariz estético (exemplo: “as flores são importantes porque são bonitas e podemos pô-las numa jarra”).

As concepções ligadas são aquelas que habitualmente são transmitidas pela preocupação escolar ou familiar relativamente ao respeito a desenvolver pela natureza. Quando são marginalizados ficam completamente à margem desta valorização do relacionamento ser humano – Natureza de cariz biocêntrico –. Estes conceitos são utilizados por Orlando Lourenço e Peter Kahn no estudo já referidos.

Joe Winston na sua obra, *narrativa and Moral Education* (1998) (e voltando a relacionar esta reflexão com a reflexão sobre o desenvolvimento moral) salienta que a educação moral é mais problemática do que aprender regras e códigos (como “não deixar

lixo para rua”, “proibido estragar a relva”, etc.). Assim, de forma a promovermos uma outra maneira de olhar o mundo e o nosso lugar, como seres humanos nesse conjunto, podemos socorrer-nos de narrativas literárias.

5. – NARRATIVA E COMPREENSÃO

Beaugaud e Dressler (1981) entre outros, apresentam a narrativa como um tipo de texto que se caracteriza: - Pela referência a uma realidade ausente no momento da produção do discurso que tem de se criar ou recriar. - Por uma disposição sequencial de acções e de acontecimentos ligados entre si por relações conceptuais variadas (causa, finalidade, proximidade temporal etc.). - Pela existência de uma estrutura canónica que corresponde a um conjunto de acontecimentos e estados (que permite prever o que se vai passar em qualquer momento de história). - Pelo recurso a certos elementos linguísticos como organizadores temporais (Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito do Indicativo).

Para os narratólogos a narrativa apresenta: - Um estado inicial de equilíbrio. - Um processo dinâmico com: - desequilíbrio; - restauração do equilíbrio; - um estado final em que o equilíbrio é recuperado.

Em Kintsch e Van Dijk encontramos uma superestrutura constituída do modo seguinte: - A exposição - onde são escritos elementos como as características dos agentes da acção, do lugar da acção e das circunstâncias físicas e sócio-culturais da acção. - a complicação que corresponde a um acontecimento ou a uma

sequência de acontecimentos que vêm perturbar ou romper o equilíbrio. – A resolução, que corresponde às reacções do agente (ou das agentes) subsequentes à complicação, destinadas a restabelecer o equilíbrio inicial.

5.1. – AS LENDAS E OS SEUS PROCESSOS NARRATIVOS

5.1.1 – PROCESSO NARRATIVO

- O Crocodilo que se fez Timor

A exposição: Em Macassar na ilha de Celebes vivia num coilão um velho crocodilo que já não conseguia andar a pescar peixe para se alimentar.

A complicação: Certo dia cheio de fome, decidiu procurar alimento pelas margens da praia em busca de algum animal distraído que lhe servisse de refeição.

Andou, andou, até caiu cansado e sem [...]. Quando o crocodilo teve novamente fome lembrou-se de comer o rapaz. [...]

A resolução: A ideia não lhe parecia de bem porque [...], porque todos os animais [...] tinha feito. Sem forças o crocodilo parou e transformou-se em terra, dando a forma de uma ilha. O rapaz foi o seu primeiro habitante e deu-lhe o nome “Timor” em expressão nativa, quer dizer “Oriente”.

5.1.2 - PROCESSO NARRATIVO

- *O Dilúvio*

A exposição: Houve um dilúvio que matava todas pessoas que habitavam na terra. Deus voltou a povoar com geração de pigmeus. [...] Esta família pigmeu foi morar em Nunutcheno, trabalhava na agricultura e na criação de animais.

A complicação: Um dia o velho sentiu que ia morrer, chamou os filhos para lhes recomendar que celebrassem sacrifícios e os enterrassem entre um coqueiro e uma arequeira. Falecido ele, os filhos procederam ao funeral, segundo as instruções recebidas.

Certo dia, após o falecimento do pai houve um tremor de terra, os dois irmãos tiveram de fugir do local [...]. Invocaram a alma do pai, choraram e acabaram por adormecer encostadas ao coqueiro. [...], a inundaçãõ ocorreu durante catorze dias. [...]. Estes alimentaram-se de peixes dos charcos até a terra produzir vegetaçãõ. Estavam sós, sempre à procura dos outros sobreviventes. [...]. Assim a alma do pai não os abandonaria e Deus ajudá-los-ia [...]. Numa noite Maupê sonhou com a alma do pai, [...]. E como não havia mais gente casar-se-iam os dois para aumentar o número de habitantes. [...], eles devem obedecer-Lhe para que Deus os ajudasse sempre.

A resolução: Casaram-se e tiveram filhos – sete rapazes e sete raparigas -. [...] Um dia Deus entregou-lhes galinhas, das quais deram origem aos galináceos. [...], segundo as promessas feitas. Os filhos de Maupê e Puiôna descenderam-se entre eles, deixaram o lar paterno e estabeleceram-se nas regiões mais próximas. [...]. Entretanto o mais velho ficou com os pais, [...].

6. – CONTOS E LENDAS – LITERATURA “MOUVANTE” OU “FIXÉE”.

A linguagem corrente utiliza sem qualquer espécie de rigor as palavras conto, narrativa, lenda ou história. Porém, as suas vias de análise diferem nos seguintes parâmetros:

- a temática
- a estrutura
- o arquétipo
- o funcionamento

Cada género é caracterizado por um conjunto de relações entre as suas marcas formais, os registos temáticos e os seus usos sociais.

Michèle Simonsen (cit. por Traça) oferece-nos os seguintes traços distintivos: o mito, a saga, o conto, a lenda e a anedota.

O mito simboliza as crenças de uma qualquer comunidade, e os acontecimentos que narra são ditos por verdadeiros. A saga tem por tema as façanhas de uma família, de um clã ou de uma raça. O conto é uma narrativa em prosa, feita de elementos fictícios, ou tidos como tal, cuja intenção fundamental é provocar divertimento.

A lenda é uma narrativa de factos tidos como verdadeiros pelo locutor e pelo seu auditório. É localizada, as previsões de tempo e de lugar constituem parte integrante da narrativa.

A anedota narra acontecimentos verídicos, de alcance restrito. Actualmente é uma forma privilegiada do acto de contar.

Literatura “mouvante”, porque ao contrário dos provérbios e dos ditados, este tipo literário vai mudando porque “Quem conta um conto aumenta-lhe um ponto. Assim, pensamos que as lendas podem situar-se na literatura “mouvante”.

CAPÍTULO II

1 - UMA PROPOSTA PARA O ESTUDO DAS LENDAS.

Nesta parte do nosso trabalho pretendemos apresentar propostas para em contexto de sala de aula explorar as lendas:

- *O Crocodilo que se fez Timor* (anexo I);
- *O Dilúvio* (anexo II).

2 - OBJECTIVOS:

- Desenvolver competências no âmbito de expressão oral e escrita;
- Motivar para a leitura;
- Formar leitores;
- Desenvolver mecanismos no âmbito da memória;
- Desenvolver aspectos relacionados com a cultura timorense;
- Desenvolver o vocabulário;
- Desenvolver mecanismos de aquisição e desenvolvimento de linguagem.

3 – PÚBLICO ALVO

A proposta que a seguir se apresenta pode ser colocada ao serviço do ensino/aprendizagem, desde o primeiro ao segundo ciclo do Ensino Básico.

3.1 - TIMOR – BREVE RESUMO

Situação Demográfica

Timor é a maior ilha das pequenas ilhas de Sunda e a terceira ilha que se estende desde o sudeste asiático até à Nova Guiné. Mede cerca de 470 km² de comprimento e 110 km de largura com superfície total de 32.300 km². Está dividida em duas partes: Timor-Leste e Timor Indonésio, e é banhada pelo mar de Timor e pelo oceano Pacífico.

Timor-Leste tem como nome oficial “*Timor Loro Sa’e*” abrange a zona oriental da ilha que é o enclave Oêcussi (ou Ambeno/ Pante Macassar), a ilha de Ataúro e o ilheu de Jaco. No total mede 18.989 km². A linha fronteiriça abrange cerca de 840 km² de extensão dos quais 202 km² são terrestres e possui aproximadamente 950 mil habitantes no total. É constituído por 13 distritos: Ainaro, Manatuto, Baucau, Viqueque, Lospalos, Ailéu, Bobonaro (Maliana), Ermera, Suai, Same, Oêcussi, Liquiçá, e Dili, sendo esta a capital.

O enclave Oêcussi e Ambeno (Pante Macassar) fica na costa norte da parte indonésia da ilha, mede 2.461 km² de superfície. É o pequeno enclave de Timor-leste no interior de Timor Ocidental.

A ilha de Ataúro também conhecida por *Pulau Kambing* (*Pulau* em malaio ou indonésio significa “ilha”, e *Kambing* significa “cabra/cabrito” tem 144 km² de superfície, 17 km² de comprimento e 9 km² de largura.

O ilhéu Jaco (ou Nusa-Besi), tem uma forma circular e mede 3 km².

O ponto mais alto da ilha é o Tata – Mai – Lau (Ramelau), atinge quase 3.000 m. A seguir o Matebian com 2.313 m, Cablac mede 2.300 m, Cailaco tem 1.916 m, Lamilau 1.724 m de altitude, Mundo Perdido com 1.700 m e Muapitine tem 916 m.

Clima

O clima de Timor é formado por dois elementos ou seja tem duas estações do ano, chuva e calor. O calor é exagerado e uniformemente quente. Sendo quente também é caracterizada por Chuvas abundantes que abrangem a ilha toda. As zonas mais quentes são as do litoral. Embora o clima seja quente, favorece a agricultura. Nas regiões montanhosas as terras são férteis próprias para a agricultura e a criação de gados.

A ilha possui simultaneamente características climáticas tropicais nas zonas baixas do litoral e temperadas de tipo especial nas regiões montanhosas. A zona litoral é normalmente quente e húmida. O clima de Timor tem uma temperatura média anual sempre com mais de 21°C, incluindo também factores de tipo intertropical, como monções. Assim, pode-se identificar como clima equatorial de variedade de monção.

A época da chuva geralmente vem no mês de Outubro até Maio. Chove torrencialmente nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março. Naturalmente o calor aquece a ilha o ano todo. Os agricultores das regiões mais afastadas só podem cultivar na época da chuva. Na época da chuva o ambiente do território morna-se.

O vento sopra anualmente, a partir de Dezembro até Fevereiro, outra vezes no mês de Abril a Outubro, algumas vezes varia.

Sendo uma ilha, está situada numa região sujeita à influência das monções asiática e australiana.

Agricultura e Pesca

A agricultura é um ponto fundamental para a sobrevivência dos timorenses porque, de facto, sobrevivem o dia a dia com a produção agrícola e com a pesca. Portanto, a agricultura timorense é um sector essencial sob todos os aspectos. Basicamente, Timor fundamenta a sua economia na produção vegetal de copra, de

sândalo, de chá, de café, de borracha, de baunilha, de cacau, de sisal, de algodão, de arroz, milho, batata, e inúmeras árvores de fruto. Quanto aos produtos alimentares, o consumo apresenta necessidades interiores, há dificuldades de exportar, porque a produção não é de grande quantidade.

A Pesca é a segunda actividade para a sobrevivência do povo, embora nem todos pesquem. Os que pescam (produtores de primeira mão) habitualmente vendem à beira-mar, no local onde pescavam. O primeiro cliente (produtor de segunda mão) comprava os peixes e vendia-os para o segundo cliente. Esse, vendia-os nos mercados ou nas ruas ao pé das casas para as pessoas poderem comprar e consumirem. Normalmente pesca-se mais nas ribeiras e nas nascentes fluídas. As pescas nas ribeiras têm sempre carácter de actividade colectiva, intervindo quase toda a população válida do aldeamento, homens, mulheres e crianças. A pesca no mar e a piscicultura sempre tiveram uma dimensão reduzida. Esta actividade foi praticamente reduzida a zero por ser tratar de um sector que tem merecido pouca atenção por parte das organizações internacionais. O principal porto de pesca, Hera pertencente a Dili. Basicamente, a pesca fornece grande parte de alimentação de que o timorense mais necessita, é apenas praticada por populações reduzidas da beira-mar.

Comida e Cultura

A sobrevivência do homem, em qualquer parte do mundo, nomeadamente no meio ambiente circundante, e a cultura de cada povo determinam comportamentos alimentares muito diferentes e que muitas vezes o único factor comum é a qualificação das calorias, gorduras, proteínas e vitaminas.

Pessoas com culturas diferentes comem de forma diferente, na qualidade e na variedade. E, por vezes, cada refeição, os géneros e a forma de servir a comida são necessários para cada cultura, desde os utensílios que possam ser utilizados, às crenças de que esta ou aquela comida possa ser boa ou má para a saúde.

Em Timor há formas distintas de alimentação, que provêm de diferentes etnias. Este aspecto, prova que a forma como nós timorenses nos alimentamos, é diferente de outros povos.

O estilo de comida consumida pelos timorenses tem muito a haver com a produção natural e espontânea dos ingredientes que são fáceis de encontrar: mistura de vegetais, peixe, camarão, carne, feijão, batata, mandioca e frutas. Habitualmente, o prato típico é o arroz cozinhado que pode servir-se com legumes, carne e peixe ou, então, “*batar daan*” (milho cozido) com legumes, hortaliças e carne. Servem-se também sobremesas, sobretudo frutas. Consome-se mais leite de animais, sobretudo de cabra e vaca. O leite é o alimento mais identificado com a primeira refeição acompanhado com batata-doce

ou mandioca cozida e assada. Nas refeições seguintes serve-se “*tua-akar ou tuaka*” (vinho) de palmeira ou de couqueiro e “*tua mutin*” (vinho branco). O café e o chá são para pequenas merendas e, às vezes, servem-se também ao pequeno-almoço. O “*sassoro*” é arroz branco ou vermelho. Há também o arroz de cor de vinho cozinhado com muita água e com uma pitada de sal, ficando quase uma canja. Normalmente come-se ao pequeno-almoço. Este pode ser acompanhado com ovos estrelados, polvo seco e peixe seco assado, e até podem servir-se com frango assado.

O hábito dos timorenses é tomar refeições três vezes por dia: a primeira refeição, na parte de manhã é o “*mata-bicho*” ou pequeno-almoço; a segunda é, ao meio-dia é “*han-meio dia*” que é o almoço; a terceira é o “*han kalan*” ou o jantar. Servem-se também sobremesas, sobretudo frutas.

Há uma outra especialidade da cozinha tradicional timorense conhecida em toda a ilha, que é, “*catupa*”, a qual é feita de arroz com os temperos sal, leite do coco, pimenta, alho e cebola. A sua confecção processa-se com certa dificuldade, pelo facto de ser cozinhada em cestinhas feitas com folhas tenras de coqueiro. A utilização de cestinhas tem alguma razão de ser: facilita o transporte da comida em viagem. “*Catupa*” serve-se com “*tukir*” (carne de cabrito), peixe assado ou frango assado.

A comida típica timorense tempera-se geralmente com *alho, sal, cebola, vinagre, duut – morin* (erva-príncipe), *folhas de limoeiro, tamarindo, malagueta, piri-piri, tomate, pimenta*. Às vezes utiliza-se *gingibre*. Frequentemente os temperos usados na comida típica timorense reflectem as influências das cozinhas portuguesa, chinesa e indiana, como por exemplo os molhos à moda portuguesa: bifes , estufados, caldeiradas, sopas, batatas cozidas e fritas, os bolos e as sobremesas. O uso de “*sutate*” ou molho de soja chinesa, *chau-mi*, entre outros. Na cozinha indiana, utiliza-se “*malagueta, piri-piri e açafrão*”.

A dança e música tradicional fazem parte da identidade cultural do povo Timor-Leste. As danças tradicionais de Timor identificam-se em vários tipos: *suru boek, tebe dai* ou *tebe tebe, bidu, makikit, sama hare, lore, dança dahur, tari manuabe* e *tari lenço*. Essas danças fazem parte das cerimónias e as suas expressões são de vários sentimentos, como agradecimento, a alegria ou a tristeza. Portanto, cada dança expressa o sentimento que corresponde a diferentes formas de cantos.

A música tradicional, é naturalmente produzida por instrumentos bastante pobres porque se usam tambores de pele e gongos de metal.

Além de dança e música tem outra área que faz parte de mão-de-obra popular que é a arte. A arte tradicional é essencialmente

decorativa. As mais interessantes são a tecelagem, a cestaria, a olaria e a ourivesaria e adornos. Essas são de vários tipos e de diferentes funções nas suas utilizações no dia-à-dia.

Idioma/Língua

Existem em Timor várias línguas ou dialectos, e muitas vezes, as populações de uma região não entendem as da região vizinha, tão diferentes nos seus falares. Segundo o registo, eram trinta e cinco dialectos no total. Sem dúvida que as línguas menos faladas tendem a desaparecer, absorvidas pelas de maior expansão. É óbvio que, também depende muito da taxa da natalidade dos que falam um qualquer dialecto. Entretanto, apenas foram ficando sete dialectos e línguas do nativo mais falado: o *tétum*, o *mambai*, o *macassae*, o *búnaque*, o *quêmaque*, o *tocodé*, o *galóli*. Entre esses, o *tétum* está tomando notável desenvolvimento e comportando-se como verdadeira língua franca de todo o território. Na maior parte dos idiomas existem muitos termos idênticos, além dos derivados do português que são iguais em toda a ilha e se referem sempre a coisas, culturas, géneros, que eram desconhecidos em Timor.

Influências do Português

Todos os dialectos de Timor têm influências da língua portuguesa, nomeadamente o idioma tétum. Existem dois tipos de tétum que é o *“tétum téric”* e o *“tétum praça”*. O *“tétum térik”* é o dialecto nativo e surgiu antes da colonização. O tétum que é falado pela maior parte da população e com mais mistura da língua portuguesa é o *“tétum praça”*. Linguisticamente, nesse tétum há certas palavras que nós timorenses temos de expressar em língua portuguesa, pela razão de não termos outra expressão científica em *“tétum térik”*, que signifique as coisas.

A língua portuguesa e indonésia são meramente para desenvolver o dialecto nativo de cada região do país, nomeadamente o tétum. O português seria muito relevante e essencial como língua oficial de Timor-Leste, se nos ajudasse de forma harmoniosa a desenvolver a gramática do tétum e a promovê-la para alcançar a perfeição literária.

Religião e Crença

Quanto à religião, 90% são de Cristão Católico e Protestante. Também há outras religiões como, a Muçulmana, o Budha, o Hindu. Quase toda a população tem uma religião. Porém, embora tenham

religião e acreditemem em Deus, ainda acreditam nas tradições relacionadas com o *“lulik”*, que significa sagrado.

Para o timorense qualquer objecto ou coisa pode ser sagrado. Assim, os *“luliks”* podem ser as árvores que vemos rodeados de pedras, junto de nascentes, à beira de estradas ou nas montanhas. Os enormes gondões (árvores de grande dimensão) tinham em geral *“luliks”* próprios a quem os timorenses, ao acabar a sementeira do milho, iam oferecer carne de animais abatidos (uma espécie de sacrifício). Os *“luliks”* de menores dimensões eram guardados em casas apropriadas, construídas com a colaboração de todo o reino de povoação ou aldeias. Essas casas tem o nome de *“Uma lulik”* que significa casa sagrada ou *“Uma Lisan”* que na expressão portuguesa significa casa de tradição ou santuário, onde a sua guarda e manutenção é entregue a um *“catuas”* ou velho em português, e ou uma velha do clã *“férik”* em expressão nativa tétum. Sendo sagrado, também é identificado como um elemento de união entre os seus habitantes, como símbolo entre os vivos e as almas dos mortos no âmbito do sagrado. É nessa casa sagrada que os familiares se reúnem,

partilham a tradição, fazem cerimónias de pactos de aliança de paz se houverem conflitos entre familiares, celebram cerimónias de casamentos tradicionais (entre outras). Não é uma pessoa qualquer que aí vive, mas é escolhida para poder morar no “*Uma lulik*” ou “*Uma Lisan*”. Tem de ser uma pessoa que tenha mais conhecimentos e em quem se confie, que saiba orar para oferecer sacrifícios ao “*lulik*” (sagrado). As cerimónias que são celebradas nessa casa só podem acontecer uma vez por ano, ou dependendo das necessidades, se é urgente ou não. Essa casa também é identificada como um lugar de reconciliação.

Muitas outras crenças se apontam aos timorenses. Ainda hoje se vêem erguidas pedras “*luliks*” nos arrozais e nas hortas, para livrarem a sementeira de todos os males incluindo os ratos. Feixes de capim são para defender a horta onde eles são colocados. As árvores de fruto ficavam protegidas dos ladrões, quando os donos penduravam uma catana.

O animismo é uma crença dos antepassados de Timor, “*os gentios*” (timorenses que não têm religião). Antigamente, embora eles não tivessem religião, acreditavam que os elementos da natureza têm espíritos.

Os nossos antepassados nunca mencionam “*Deus*”. Só davam o nome “*sagrado*” ou “*lulik*” que é também associado com o Sol e a Lua. Não são capazes de mencionar o Sol e a Lua em vão, porque ambos são associados com sagrado (Deus). Na realidade timorense “*Deus*” na expressão nativa tétum é “*Maromak*”. Os que falam *macassae* chama-O “*Uru Watu*”, *Uru* é Lua em português e *Watu* significa Sol. Assim, também o do wai *ma’a, midiqui e naueti* chama-O “*Lara Wulo*” *Lara* é Lua, *Wulo* significa sol, ou “*Bo`Dai*”, *Bo* significa Avô e *Dai* é Senhor ou Deus, ou “*Hire Ulato*” tem o mesmo significado com os acima mencionados. O povo de etnia *Fataluco* ou *Dagadá* chama-O “*Uru Watsu*”, assimila-se com os atrás citados. Nos outros dialectos também têm termos próprios para identificar Deus.

Outros Recursos

As principais riquezas de Timor-Leste são: Turismo, Gás e Petróleo, Café orgânico, Sândalo, Copra, Pesca e Agricultura. Nenhuma delas está ainda desenvolvida, devido à falta de recursos

humanos, nomeadamente, de pessoas formadas nas áreas distintas.
Outras ainda faltam devido à ausência de estruturas e equipamentos.

4 – METODOLOGIA

A exploração oral dos contos apresenta-se sob a forma de questões de várias ordens, pois como temos vindo a afirmar a motivação para leitura deve ter como componente principal desde as aprendizagens essenciais, a compreensão.

Para desenvolver a compreensão utilizamos perguntas de várias ordens:

- Perguntas de reconhecimento

- Perguntas de lembrança

- Perguntas de antecipação

- Perguntas de predição

- Perguntas de compreensão inferencial

- Perguntas de organização

- Perguntas de reorganização

- Perguntas de leitura crítica

- Perguntas de apreciação

-

5 - PROCEDIMENTOS:

1. – Leitura de cada lenda em voz alta, pela professora.
2. – Divisão das lendas em partes.
3. – Exploração – perguntas orais acerca das lendas.

6 – JUSTIFICAÇÃO DOS QUADROS

a) - O quadro I é composto por três partes:

- Resumo de Histórias por Passos
- Questões e Tarefas
- Competências

b) - O quadro II obedece à mesma estrutura.

Em ambos tentamos que as questões e tarefas tivessem em conta cada parte do resumo.

As competências apresentam frequentemente um carácter repetitivo porque pretendemos manter o encadear da história, no sentido de fomentarmos a compreensão.

QUADRO I

1- O Crocodilo que se fez Timor

Resumo da História Por Passos	Questões e Tarefas	Competências
<p>1- Conta-se que antigamente quando os animais ainda falavam, em Macassar havia um coilão onde habitava um velho crocodilo. Esfomeado à procura de petiscos para poder sobreviver, mas não os encontrou. Resolveu regressar, mas o caminho era longo e o sol ardia, sem forças foi obrigado a parar no meio do caminho.</p>	<p>Há quanto tempo e em que altura ocorreram os acontecimentos marcados no conto? Onde vivia o crocodilo? O que fazia o crocodilo nas beiras do coilão? Chegou a apanhar algo que desejava? Quando se passou a acção? Onde? Localizem no mapa a região de Macassar.</p>	<p>Identifica o tempo da acção.</p> <p>Analisa o contexto em que os acontecimentos se sucederam.</p> <p>Localiza em mapas.</p> <p>Argumenta.</p> <p>Infer.</p> <p>Localiza no espaço.</p>

<p>2- Tanta aflição que tinha, apareceu um rapaz e salvou-lhe a vida. Como agradecimento o crocodilo ofereceu-se ao rapaz para levar ao dorso sempre que quisesse banhar-se no coilão ou no mar. O agradecimento foi aceite, assim, transportou-o e fizeram várias viagens. Começaram a ser amigos. Gravando na mente a lembrança de benefício, consta que o crocodilo foi fiel ao companheiro.</p>	<p>Quem, e de que maneira salvou a vida? Antes do aparecimento do rapaz como estava a situação do crocodilo? Que revela a expressão “gratidão” ao rapaz? O que nos mostram as imagens? Dê um sinónimo de “consta”.</p>	<p>Localiza a imagem. Argumenta. Infere. Dá opiniões. Dá sinónimos de palavras e expressões. Identifica no texto palavras e expressões. Identifica elementos presentes na imagem.</p>
<p>3- A ideia não lhe</p>	<p>Qual a opinião dos</p>	<p>Localiza no mapa.</p>

<p>parecia de bem porque durante a viagem o crocodilo teve várias tentações de comer, mas esse não foi aprovado, porque todos os animais não concordaram com o que lhe tinha feito.</p>	<p>animais sobre a atitude do crocodilo? Concordaram? Discordaram? Porquê? Qual a razão?</p>	<p>Analisa. Identifica as razões e opiniões. Opina. Discorda. Resolve conflitos.</p>
<p>4- Continuação de viagens em direcção ao Oriente à procura de algo bem; sem forças o crocodilo parou e transformou-se em terra, dando a forma de uma ilha. O rapaz foi o seu primeiro habitante e deu-lhe o nome “Timor” em</p>	<p>Localizem na gravura a imagem da ilha de Timor. Que forma tem a ilha? O que faz lembrar? Porquê?</p>	<p>Localiza a imagem na gravura. Analisa a forma da ilha. Estabelece comparações. Identifica diferenças/semelhanças.</p>

expressão nativa, quer dizer “Oriente”.		
--	--	--

QUADRO II

2 – O Dilúvio

Resumo da História Por Passos	Questões e Tarefas	Competências
1 – O Conto conta-nos a história do Dilúvio que matava todas as pessoas que habitavam na terra. Deus voltou a povoar com geração de pigmeus. Estes eram maus, andavam sempre em guerras, faziam poucos sacrifícios ao criador. Entre os pigmeus existia um que era temente a Deus, boa pessoa, oferecia sempre sacrifícios á Deus, tinha o filho de nome Maupê e uma filha de nome Puiôna. Esta família pigmeu foi morar em Nunutcheno, trabalhavam na	O que nos conta a história? Após o dilúvio, quem voltou povoar a terra? Com que tipo de geração? A que país e distrito pertence a região Nunutcheno? Quem era o pai de Maupê e Puiôna? Qual era a profissão do Pai? Habitualmente o que é que fazia o pai para agradecer a Deus?	Identifica o tema da história. Identifica regiões. Relaciona-as e faz inferências. Identifica personagens. Identifica acções das personagens. Identifica no mapa o país e distrito da região de Nunutcheno.

<p>agricultura e na criação de animais.</p>		
<p>2- Um dia sentiu o velho que ia morrer, chamou os filhos para lhes recomendar que celebrassem sacrifícios e o enterrasse entre um coqueiro e uma arequeira. Falecido ele os filhos procederam ao funeral, segundo as instruções recebidas.</p>	<p>Quais são as instruções que o velho deixou aos seus filhos antes de morrer? Onde se situa o coqueiro? E arequeira? Quais as suas funções? Localizam a imagem as árvores – coqueiro e arequeira -.</p>	<p>Enumera factos. Dá opiniões. Distingue árvores. Identifica acções das personagens. Identifica personagens. Localiza as árvores.</p>
<p>3- Certo dia, após o falecimento do pai houve um tremor de terra, os dois irmãos tiveram de fugir do local onde habitavam, porque não se sentiram seguros. Invocaram a alma</p>	<p>Onde é que foram morar, quando houve o tremor de terra? Porquê? E o que é lhes faziam? Quem lhes salvou a vida quando os</p>	<p>Identifica acções das personagens. Identifica personagens. Refere sentimentos.</p>

<p>do pai, choraram e acabaram por adormecer encostadas ao coqueiro. No dia seguinte os campos inundaram-se, os dois irmãos subiram as árvores, para não morrerem afogados. Choveu bastante, a inundação ocorreu durante catorze dias. Depois disso as águas começaram a baixar. Os dois irmãos desceram das árvores, admirados notaram grande diferença para o antes e o pós dilúvio. Estes alimentaram-se peixes dos charcos até a terra produzir vegetação.</p>	<p>campos se inundaram? Quanto tempo durou a inundação? O que é que aconteceu antes e após o dilúvio? Como é que Maupê e Puiôna se alimentavam? Diz por palavras tuas o que é uma inundação.</p>	<p>Mostra na gravura a imagem do dilúvio e a inundação. Identifica a situação.</p>
<p>4- Estavam sós, sempre à procura dos outros sobreviventes. Percorreram toda a terra,</p>	<p>Como estavam os dois irmãos, e o que é que eles faziam após do catástrofe?</p>	<p>Inferem. Emite opiniões. Identifica</p>

<p>atravessaram lagoas e planícies de Fuiloro, Souro e Paricafa. Subiam e desciam montes de Apara e Matebiam; atravessaram regiões, Muapitine, Tutuala, Lore, Iliomar, Louro, Laivai, mas não encontraram nenhum ser humano. Maupê estava sempre triste pensava no futuro deles, que quando forem velhos quem vai cuidar deles. Entretanto ela sempre deu coragem ao irmão que Deus sabe, Ele lhes salvou, por isso não lhes hão-de faltar quando chegarem a velhice. Além disso Puiôna sempre deu também coragem ao irmão conselhos que o pai lhes ensinou: não mentir, não</p>	<p>Qual é o motivo de Maupê estar sempre triste? Quais são os ensinamentos que o pai deixou? Puiôna lembrou os conselhos para encorajar Maupê? Quais são objectivos desses conselhos se se cumprissem? Identifica as regiões que eles atravessaram.</p>	<p>objectivos. Identifica regiões. Identifica razões de Maupê. Identifica conselhos e ensinamentos.</p>
--	---	---

<p>roubar, não matar. Assim a alma do pai não lhes abandonaria e Deus lhes ajudaria.</p>		
<p>5- Numa noite Maupê sonhou com o pai, dizia que Deus já lhes escolheu o lugar Nunutcheno, que fosse bons amigos. E como não havia mais gente se casariam os dois para aumentar o número de habitantes. Quando Maupê contou o sonho a Puiôna, este exclamou que Deus através da alma do pai transmitiu ao Maupê a Sua vontade, por isso, eles devem obedecer-lhe para que Deus os ajudassem sempre.</p>	<p>Qual é o sonho de Maupê? Se acontecessem na vida real, o que é que achariam? Justifica. Qual é a reacção e a ideia de Puiôna quando o irmão lhe contou o sonho?</p>	<p>Infere. Dá opinião. Relaciona os e Justifica. Emite opiniões.</p>
<p>6- Casaram-se e tiveram filhos – sete rapazes e sete</p>	<p>A vontade de Deus foi obedecida pelos</p>	<p>Justifica. Dá opinião.</p>

<p>raparigas -. Um dia Deus entregou-lhes galinhas, das quais deram origem aos galináceos. Os dois ofereceram as galinhas a Deus e a alma do pai em sacrifícios.</p>	<p>sobreviventes? Como e porquê? Qual era a promessa de Maupê e Puiôna para agradecer a Deus?</p>	<p>Identifica a promessa.</p>
<p>7- Os filhos de Maupê e Puiôna descenderam-se entre eles, deixaram o lar paterno e estabeleceram-se nas regiões próximas. Um foi para Muapitine, outro para Louré, um casal para Luro e outro para Laivai. Enfim repovoaram aquela região. Entretanto o mais velho ficou com os pais, recebendo deles as tradições da família para as transmitir aos mais novos.</p>	<p>Como é que os filhos se descenderam? E onde foram morar? Qual deles ficou com as tradições da família?</p>	<p>Inferre. Dá opinião. Identifica as regiões. Justifica.</p>

CONCLUSÃO

O trabalho foi bastante significativo porque ganhei mais experiência, sobretudo no que diz respeito aos pormenores das lendas, como a identidade, a cultura e tradição de Timor.

Apesar das histórias serem originadas pela imaginação do povo primitivo timorense elas são contadas e recontadas, ainda hoje, de geração em geração. Podemos dizer que estas já fazem parte da literatura timorense.

Estimulando em mim um prazer na aproximação de explorar e readquirir mais conhecimentos de literatura sobretudo de literatura infantil timorense, tive oportunidade de constatar que, mesmo não havendo livros didáticos, podemos utilizar aquilo que temos à mão.

Quando comecei a estudar os contos, lendas e mitos, nas minhas pesquisas sobre a narrativa das histórias mencionadas, ocorreu-me algo, apesar de me parecer um tanto quanto óbvio, se bem que, naquele momento fosse totalmente inesperado, e então pensei: Por que não estudar as lendas de Timor?

Identifiquei que os contos, sobretudo os populares tradicionais têm as suas características próprias de natureza narrativa, que podem ajudar os nossos alunos, não só a adquirir competências, mas também a valorizarem o que é nosso e, por isso mesmo não podem perder-se.

Teoricamente o objecto de estudo do trabalho elaborado ajudou-me muito a ter mais conhecimentos sobre a literatura oral timorense e sobre outros aspectos ligados à narrativa bem como ao imaginário da criança.

Durante o tempo de realização da investigação, as dificuldades que surgiram foram muitas reduzidas, porque eu própria “acreditei” que não é difícil desenvolver este trabalho junto dos alunos.

Os pontos positivos são muitos e passo a salientar: a recepção por parte da Orientadora foi muito importante para o bom desenvolvimento de pesquisas e elaboração do trabalho; acolheu-me sem desconfiança e sem dúvidas; a boa aceitação por parte de algumas questões relativas a Timor foi outro ponto positivo.

Torna-se muito importante a prática que se adquirida, para lidar com a vida profissional futura e com os problemas que esta acarreta e que espero poder realizar em Timor

No âmbito do *Imaginário, Identidade e Margens* sobretudo os imaginários da criança, a *Natureza* e a *Criatividade*, assim como também a *Sociedade e a Natureza*, e ainda, como também *A Nossa Contribuição para uma Identidade*, revelaram-se temas bastante interessantes e significativos, pois através destes conceitos aí presentes eu consegui melhorar conhecimentos, atitudes e valores. Para além disso, foi-me permitido um contacto directo com a vida profissional num ambiente da educação, nomeadamente na parte

pedagógica e didáctica, o que espero, num futuro próximo, poder vir a colocar em prática.

7 - BIBLIOGRAFIA

- 1- CAMPOS, Porfiro - «*Algumas Notas Sobre Timor* » I: O Descobrimento da Ilha, Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau (Macau), ano XXXVI, nº 419, Fevereiro de 1939; pp.509 – 514.
- 2- CASTRO, Alberto Osório de – «*A Ilha Verde e Vermelha de Timor*». Lisboa, Agencia Geral das Colónias, 1943.
- 3- CORRÊA, A.A. Mendes – «*Timor Português*». *Contribuições para o seu Estudo Antropológico*. Lisboa, Junta das Missões Geográficas e Investigações, Coloniais, 1944. (Col. «*Memórias, Série Antropológica e Etiológica*», nº 1).
- 4- FREDIQUE, Joane - «*Como nasceu Timor (Lenda e Conto)*», *Seleções Femininas* (Lisboa), ano I, nº 10, Março de 1955; pp. 27-29.
- 5- MAGALHÃES, António Leite de – «*Subsídios para o Estudo Etnológico de Timor*», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia* (Porto), Vol. I, fasc. III, 1920; PP. 37- 65.
- 6- PEREIRA, Luís Consiglieri Sá - «*O Loron-Ça (Prece ao Sol)*», *Defesa Nacional* (Lisboa), ano XVII, nº 193-194, Maio-Junho de 1950; pp. 41-42.
- 7- SÁ, Artur Basílio de – «*Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*». Vol. I, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1961, (Col. «*Estudos de Ciências Políticas e Sociais*», nº 45).

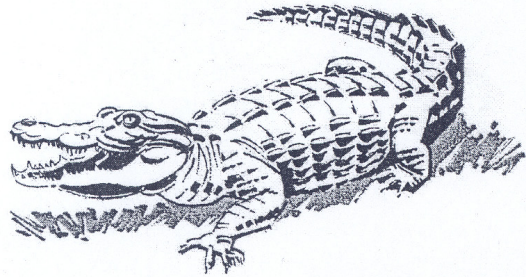
- 8-** PASCOAL, Ezequiel Enes - « *O Dilúvio na Tradição de Lautém* », Seara (Dili), ano VI, nº 5, Setembro – Outubro de 1954; p. 268.
- 9-** RODRIGUES, J. B. – *Ibidem*, pp. 55-71; PASCOAL, Ezequiel Enes – *Ibidem*, pp. 267 – 268; *Isdem, Ibidem*, ano III, nº 1, Janeiro – Fevereiro de 1951; pp. 18 – 20; CORREA, Armando Pinto – « *Gentio de Timôr* »; pp. 117 – 118.
- 10-** PASCOAL, Ezequiel Enes - « *O Primeiro Habitante de Timor* », Seara (Dili), ano II, nº 1- 2, Janeiro – Fevereiro de 1950; pp. 9 – 11; FREDIQUE Joane – « *Como Nasceu Timor* », «Lenda», *Seleccções Femininas* (Lisboa), ano I. Nº 10, Março de 1955; pp. 27-29.
- 11-** RODRIGUES, J. B. – *Ibidem*, pp. 55 – 71; PASCOAL, Ezequiel Enes – *Ibidem*; pp. 267 – 268; *Isdem, Ibidem*, ano III, nº1, Janeiro – Fevereiro de 1951; pp. 18 – 20; CORREA, Armando Pinto – «*Gentio de Timor*»; pp. 117 – 118.
- 12-** AZEVEDO, Fernando; ARAÚJO, Joaquim Machado de; PEREIRA, Cláudia Sousa; ARAÚJO, Alberto Filipe – (Coleccção «*Mitologia eMemória*»), «*Imaginário, Identidade e Margens*», Parte I (Imaginários da Criança); pp. 9 – 14); (Sociedade e Natureza); pp. 162 – 164.
- 13-** PASCOAL, Ezequiel Enes - « *A alma de Timor Vista na sua Fantasia* »; « *Lendas , Fábulas e Contos* »; Braga – 1967; Xavier e Barbosa, LDA.; pp.5º - 53 e pp.258 – 260.

- 14- GOMES**, Ruy Cinatti Vaz Monteiro – «*Motivos Artísticos Timorenses e a Sua Integração*», Instituto de Investigação Científica Tropical, Museu de Etnologia Lisboa, 1987; pp. 51 – 52, 154 – 158.
- 15- GOMES**, Ruy Cinatti Vaz Monteiro; **ALMEIDA**, Leopoldo de; **MENDES**, Sousa – «*Arquitectura Timorense*», Instituto de Investigação Científica Tropical, Museu de Etnologia, Lisboa, 1989; pp. 37 – 120.
- 16 – CARRASCALÃO**, Natália - « *Vamos jantar a Timor* », Ed. Março 1998
Tipografia Chan Heng, Macau; pp. 87 – 92, 113, 114 e 170.
- 17 – SANTOS**, Eduardo dos - « *Kanoik* »; *Lendas e Mitos de Timor*, Lisboa – 1967; pp. 13 – 22 e pp. 33 – 40.
- 18 – FELGAS**, Hélio A, Esteves - « *Timor Português* », Agência Geral Do Ultramar, Divisão de Publicação e Biblioteca, 1956, Ed. Ática, Lisboa; pp.23, 55 – 490.

ANEXOS

ANEXO I

O CROCODILO QUE SE FEZ TIMOR



ERA no tempo em que os animais falavam. Lá para terras de Macassar, havia um coilão de águas lamacentas e sossegadas.

Habitava-o um crocodilo, que passava a maior parte do tempo acaçapado nas margens à espera de presa incauta.

Dias e dias se passaram e ele esfomeado. Era Verão, fazia calor logo de manhã cedo. No céu nem uma nuvem. Nenhuma aragem. Apenas um sol abrasador, junto com o ofegante da humidade.

Perto havia uma pequena aldeia. Dela não chegava qualquer ruído.

— Deve estar sem ninguém. Os homens devem ter ido para as lides do mar, as mulheres e as crianças para os campos — cismava o crocodilo.

Nesta convicção, arrastou-se por sobre a areia escaldante. Talvez alapardando-se debaixo de uma sombra amiga lhe viesse à mão algum rafeiro vadio, algum cerdo descuidado ou algum cabrito desprevenido. A fome acossava-o. Era preciso caminhar depressa, aproveitar a saída dos habitantes antes que eles regressassem.

Mas nada conseguiu lograr. Iniciou o regresso, agora mais faminto e amargurado. O Sol já ia a pino. A terra escaldava como ferro em brasa. E nem uma sombra pelo caminho.

Rastejava a custo, a muito custo. As margens da ribeira estavam longe. A areia parecia-lhe cada vez mais abrasadora. Nem uma nuvem passageira lhe minorava a ardência do sol. O corpo, sentia-o qual peso de chumbo e a marcha mais e mais se tornava penosa. Ficou exangue. Não podia mais. Ali se ficou a gemer e a contorcer-se.

Mas eis que por ali passava um rapazito, que ouviu os seus roncões doloridos. Aproximou-se para averiguar de onde partiam aqueles gemidos.

Chegado ao pé do pobre animal, condeu-se o jovem. Tentou levantá-lo e, vendo que não era muito pesado, tomou-o ao colo e levou-o até ao coilão.

Os olhos do crocodilo, embora mortiços pelo cansaço, lampejavam de reconhecimento e de mansidão.

Entrado na água, o réptil recobrou ânimo e exultou de satisfação. E quase imediatamente, movido de gratidão, disse ao rapaz:

— De ora em diante seremos grandes amigos. Nenhum crocodilo ousará molestar-te. E querendo tu passear pelas ribeiras ou pelos mares, chama-me, que eu te transportarei no meu dorso até onde quiseres. Se for do teu agrado, agora mesmo poderemos partir.

O rapazito aceitou logo a oferta e nesse próprio dia vogou às costas do crocodilo. Era já tarde quando voltou a casa.

Depois, sempre que desejava fazer-se ao mar ou passear nas águas quedas do coilão, chamavam pelo crocodilo, que, solícito e célere, comparecia, ajeitando carinhosamente o dorso para o jovem se sentar. Assim sucedeu durante muito tempo.

Certa vez, porém, deslizavam os dois amigos pelo mar alto quando o crocodilo, cheio de fome, sentiu a tentação de comer o companheiro.



Mas resistiu a tão vil impulso. De um lado, o instinto voraz, do outro, mordentes escrúpulos de cometer tão feia ingratidão.

E não foi a única vez. Noutras digressões, o crocodilo experimentou a mesma tentação. Era preciso justificar, perante a sua consciência e aos olhos dos outros animais, o acto que desejava praticar.

Consultou-se primeiro com os peixes do mar e a seguir com uma baleia.

— Deve-se fazer bem ou mal a quem uma vez nos valeu?

Todos responderam que de modo algum se deve fazer mal. É na mesma moeda que se deve retribuir: o bem com o bem.

Esta resposta não agradou aos seus instintos. Cada vez mais lhe crescia a saliva na boca ao lembrar-se do há muito apetecido pitéu. Mas no fundo condenava um desejo tão torpe.

Nesta luta íntima, procurou todos os animais da Terra, interrogando-os de um por um, e todos responderam como os peixes e o cachalote.

Finalmente, lembrou-se do macaco, conhecido pelas suas cabriolices e matreirice. Talvez ele, no seu irrequietismo, o tranquilizasse para a prática da acção que há tanto tempo vinha congeminando. Mas, pulando sempre de um lado para outro, de um ramo para outro, parecendo que lhe não dava atenção, arregalou os olhos e, estupefacto, indagou:

— Que dizes tu?

Julgando bem encaminhado o seu caso, o crocodilo repetiu, com satisfação, a pergunta. Aqui, o símio, de repente, ficou hirto e, tomando uma expressão carrancuda, numa voz calma e compassada, aplicou ao hidrossáurio severa reprimenda:

— Não tens vergonha?! Tu, que foste salvo por esse jovem, e agora, em paga, o queres devorar?!

E, nisto, atirou-lhe, com desdém, as cascas do fruto que estava a comer, fez um esgar de repulsa e abalou por entre a ramaria cerrada da floresta.

De todas, a resposta do macaco foi a que mais fundo calou no ânimo do crocodilo. E, confundido e envergonhado, pôs de banda o seu intento. Mais ainda: resolveu transportar o seu amigo pelos mares além em busca de ventura para lhe recompensar a dedicação.

E, logo na vez primeira que ele foi à praia, carregou-o no dorso e fez-se de longada, por sobre as ondas glaucas do mar, em direcção do Oriente, na fé de que lá, mais perto de onde nasce o Sol, deveria haver coisas tão belas como belo é o astro-rei.

O crocodilo remou, remou. Andou, andou, andou. Por fim, já extenuado, sem forças, parou.

No céu brilhava um sol de turquesa, espelhando-se nas águas baloiçantes do oceano. Aqui, ali, lá ao longe, uma nuvem branca de alva, em novelos fofos.

De súbito, o crocodilo fez-se terra, crescendo, alongando-se e alteando. E a primitiva configuração, esguia como o seu corpo, desde Lautém até Cupão, bojuda no meio como a barriga do anfíbio, manteve-se no entanto.

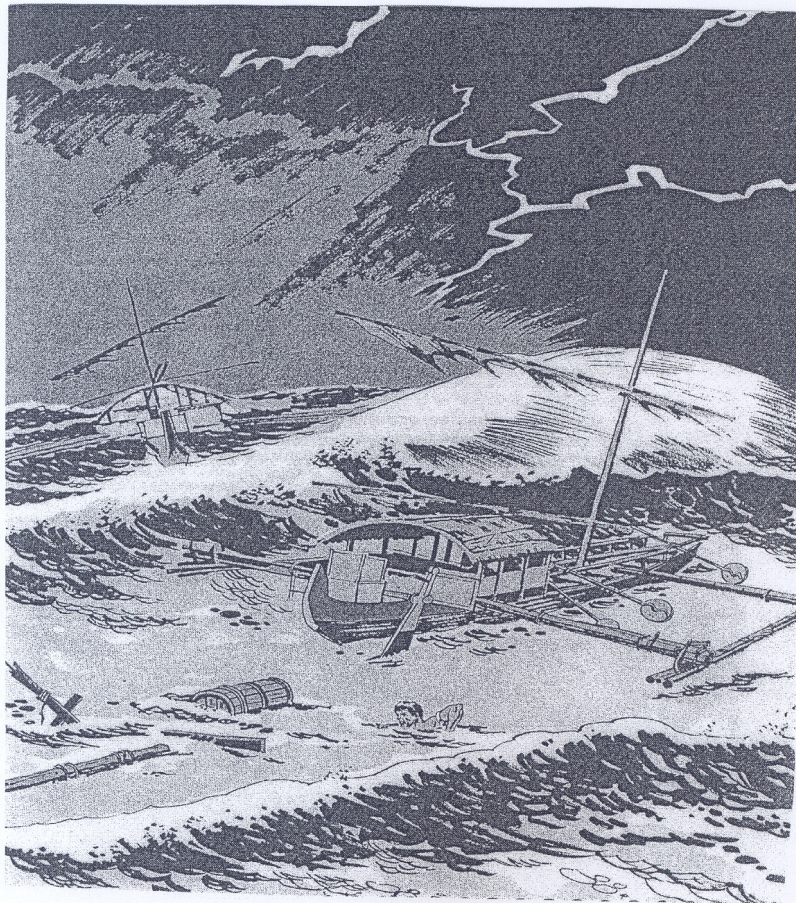
E esse rapaz, que foi o primeiro habitante da Ilha, lhe chamou *Tímur*, que quer dizer «Oriente», e que os Portugueses afeiçoaram, segundo os seus hábitos fonéticos, para *Timor*. ⁽¹¹⁾

⁽¹¹⁾ Todavia, uma tradição corre em Ossu e Ossuroa que nos dá uma versão diferente. Segundo ela, os primeiros imigrantes da Ilha teriam sido uma família completa, de homens e mulheres, vinda de Timor Laut, pequena ilha situada entre a Nova Guiné e Timor. Ao navegar no mar alto, teria sido surpreendida por violenta tempestade e por ela atirada para a contracosta desta ilha. Fixada depois na planície de Quierás, ter-lhe-ia ela dado o nome da sua própria terra: *Timor (Tímur)*.

SÃ, Artur Basílio de — *Ibidem*, pp. 11-23; PASCOAL, Ezequiel Enes — «O Primeiro Habitante de Timor», *Seara (Dili)*, ano II, n.ºs 1-2, Janeiro-Fevereiro de 1950, pp. 9-11; FREDIQUE, Joane — «Como nasceu Timor (Lenda)», *Seleccções Femininas (Lisboa)*, ano I, n.º 10, Março de 1955, pp. 27-29.

ANEXO II

O DILÚVIO



JÁ havia no Mundo muitos homens e muitas mulheres. Mas uma vez, uma terrível tempestade de vento e chuva alagou a Terra inteira, matando toda a gente.

Deus veio vê-la e encontrou-a deserta. Tornou a povoá-la com uma geração de pigmeus.

Os homens usavam longas barbas, que, para não arrastarem pelo chão, enrolavam à volta do pescoço. Os cabelos, também muito compridos, traziam-nos em roliços no alto da cabeça. Mais fartas eram ainda as cabeleiras das mulheres. Atavam-nas à cintura, para poderem trabalhar.

Mas os homens eram maus, andavam em guerras constantes uns com os outros, e poucos sacrifícios faziam ao Criador.

Um, porém, era temente a Deus. Tinha um filho, chamado *Maupê*, e uma filha, de nome *Puiôna*, ambos bons, como o pai.

Não quis o velho viver entre aqueles homens maus, e cuidou de construir uma casa em Nunutcheno, para onde levou os filhos. Viviam sós, mas contentes, entregues ao cultivo das hortas e à criação de muitos animais.

Um dia, sentiu o velho que ia morrer e chamou os filhos para lhes recomendar que celebrassem sacrifícios e o enterrassem entre um coqueiro e uma arequeira.

Falecido ele, os filhos choraram o óbito e procederam ao enterramento conforme as instruções recebidas. E ali continuaram a viver, sòzinhos.

Estavam eles sentados junto da casa uma bela tarde, quando um violento abalo sísmico fez estremecer toda a Terra. O chão rachou em fendas largas e profundas, delas saindo fogo e fumo. Até as pedras da sepultura do pai se desmoronaram.

Estarrecidos, os dois irmãos fugiram em desenfreada correria para o bambual. Outro sismo abalou a Terra inteira. Também lá Maupê e Puiôna não se sentiram seguros. Correram para casa. Mas esta já estava arrasada. À vista de tamanha desgraça, invocaram a alma do pai e choraram, choraram. Acabaram por adormecer, altas horas da noite, encostados ao coqueiro.

De madrugada, muito cedo, os céus toldaram-se de nuvens negras e trovões começaram a ribombar. Relâmpagos faiscavam aterradores, cruzando os espaços. A chuva principiou de cair, engrossando, engrossando sempre, até correr em catartas. Os campos inundaram-se. As águas foram subindo, subindo cada vez mais. Maupê disse à irmã:

— Sobe para essa arequeira, que eu subo para o coqueiro, para não morrermos afogados.

A chuva não parava de cair, fustigada pelo vento; os trovões e os relâmpagos não cessavam. A escuridão continuava, apesar de já serem horas de o dia despontar. As águas foram subindo, subindo sempre.

Os dois irmãos tiveram de trepar até ao extremo da copa das árvores para não serem arrastados pela torrente. Viram, então, que duas gigantescas massas de água, uma do norte, outra do sul, caminhavam, em tropel, uma para a outra, tudo tragando, tudo destruindo. E foram juntar-se no sítio onde eles se encontravam. Foi indescritível o seu pavor.



— Acabou-se tudo! — gritaram os dois irmãos.

Mas qual não foi o seu espanto quando verificaram que o coqueiro e a arequeira, à medida que as águas aumentavam, também eles cresciam, quase até tocar os céus.

Durante sete dias e sete noites ⁽³⁾, a chuva caiu ininterrupta, cada vez mais grossa. Passado que foi este tempo, as águas começaram a baixar, bem como a arequeira e o coqueiro, até voltarem ao tamanho normal.

Decorreram catorze dias. Findos eles, os dois irmãos desceram das árvores. E foi grande a sua admiração: a Terra, que antes era toda plana, agora, estava enrugada, com altos e baixos, montanhas aqui, planícies acolá, corcovas, desfiladeiros abruptos, encostas íngremes, fracturas alcantiladas; ilhas, eles as viam por toda a parte, separadas pelo mar, quando antes estavam ligadas a um continente; e só pedras e barro deixaram as águas quando refluíram.

Sentiam uma fome devoradora, de tantos dias. Providencialmente, os charcos estavam cheios de peixes. E foram a sua única alimentação até na Terra a vegetação se produzir.

Partiram dali em busca de outros sobreviventes. Andaram, andaram, esquadrinhando todos os recantos da região. Mas nem viva alma. Estavam sós. Maupê então chorou. Mas a irmã procurou encorajá-lo:

— Não chores. O nosso pai aconselhou-nos a não mentir, a não roubar, a não matar, que ele jamais nos abandonaria e Deus ficaria contente. É possível que toda a gente tenha morrido, que não haja outras árvores senão aquelas em que nos salvámos. Mas não mintamos, não roubemos, não matemos, e Deus nos ajudará.

⁽³⁾ Grande é a simpatia dos Timores pelo número 7. Pelo contrário, o número 3 é para eles, de uma maneira geral, aziago.

— Tens razão — disse Maupê. — Sejam sempre tementes a Deus. Quando tivermos um frango, havemos de Lho sacrificar.

Quiseram, então, construir uma cubata. Mas não tinham catana. Das costelas de um esqueleto de búfalo, que afiaram numa pedra, fizeram catanas.

Entretanto, a vegetação começou a cobrir a Terra, pujante de vida e colorido. A lagoa de Fuiloro descia de nível.

Um dia, Maupê disse à irmã:

— Vamos ver aquele monte branco — apontando para Muapitine. — Talvez lá haja gente!

Seguiram pela cumieira dos montes, junto à costa, até Loi- quero, treparam à colina de Tutuala e de lá avistaram Muapitine. Não viram ninguém. Os seus gritos ou ecoavam nos longes dos vales ou nos recônditos das cavernas, ou morriam no silêncio pesado dos montes. Estavam sós na Terra.

Não podendo seguir avante, por não encontrarem caminho, resolveram voltar para Nunutcheno. O caminho parecia-lhes mais longo e penoso, tanta era a sua amargura.

Durante muito tempo marcharam em silêncio. A certa altura, Puiôna perguntou ao irmão:

— Por que vais triste?

— Estou triste porque, quando formos velhos, não teremos quem cuide de nós.

— Não há-de isso acontecer! — disse a irmã. — Havemos de encontrar uma mulher para ti. Iremos àquele monte mais alto — e indicava o Apara, para lá de Luro — e veremos se lá há gente.

Maupê baixou a cabeça, em sinal de assentimento.

Na manhã do dia seguinte, irmão e irmã partiram mais uma vez à procura de sobreviventes do grande cataclismo. Atravessaram a planície de Fuiloro e seguiram em direituras de Souro, depois de Paricafa e atingiram, finalmente, o monte

Apara. Do alto dele, contemplaram o mar do Norte — o *mar-mulher* — sempre calmo e sossegado, e o mar do Sul — o *mar-homem* — sempre forte e enraivado. Mas nem vestígios de vida humana.

Continuaram, porém. Desceram o Apara em direcção ao mar do Sul. Num barranco cavado pelas enxurradas, uma cabana de olas de palmeira ali estava encalhada. Semelhante achado causou satisfação aos dois jovens peregrinos.

— Haverá aqui perto algum ser humano? — perguntara um deles.

Mas grande foi o terror de ambos quando o outro, no mesmo instante, apontou para um cadáver humano, em extrema decomposição. Correram espavoridos.

Contornaram para ocidente. Galgaram montes, atravessaram ribeiras, cruzaram planícies, na ânsia de encontrarem alguém. Passaram por Loré e Iliômar (⁴).

Um dia, lá muito adiante, quando um sol radiante refulgia nos céus, avistaram o monte Matebian.

— Aquele é o mais alto! — disse com entusiasmo um dos irmãos. — Vamos até ele.

Caminharam, caminharam sempre. Tornou-se excessivamente dolorosa a subida. Mas avançaram, avançaram sempre, tal era o desejo ardente de se encontrarem com outros entes humanos. A muito custo chegaram ao topo. Dali, todo o Mundo jazia a seus pés: para norte, um mar azul, imenso, marchetado de ilhas; para sul, um mar barrento, sempre eriçado, infindo; para oriente, a serra de Muapitine, a pique sobre o Oceano; para ocidente, montes, muitos montes, com as suas cristas a tocar nas nuvens. Mas de gente, ninguém. Nem sinais.

O Dilúvio engolira todos os homens. Só eles restavam, por amercamento de Deus.

Esta foi a sua convicção, imediatamente. Prostraram-se no chão, beijaram-no e, estendendo os braços ao céu, exclamaram:
— Deus!

Desceram o Matebian. A passo firme e resoluto, embora tristes, empreenderam o regresso. Lia-se-lhes no rosto o propósito de se resignarem às realidades cruentas da vida. Sós, mas corajosos. Prosseguiram para o norte e chegaram a Laivai ⁽⁵⁾. Depois cortaram para Nunutcheno. Chegaram, alfim, junto do túmulo de seu pai. Junto dele ficaram, como antes.

Os dias foram passando calmos, tranquilos. O clima era ameno, o ar puro, as águas mansas, as areias doiradas, os céus límpidos, uma ou outra vez entrecortados por alguma nuvem branca, em farrapos ou novelos leves, mais leves que a brisa. O peixe era abundante, a vegetação era rica de raízes e folhas comestíveis. A vida dos dois jovens decorria feliz.

Mas, passados tempos, Maupê começou a sentir tédio. Julgou a irmã que se tratasse de coisa passageira. Mas não. Dia para dia, o irmão ficava cada vez mais triste. E Puiôna lhe perguntou um dia:

— Por que andas assim desgostoso? Nada aqui nos falta!...

— É verdade que nada nos falta! Mas quando formos velhos, quem olha por nós?

— Deus sabe — respondeu a irmã. — Ele, que nos salvou, não nos há-de faltar quando chegarmos à velhice.

Mas Puiôna sabia-lhe a causa de andar triste.

Passaram-se tempos, e, uma noite, Maupê teve um sonho que contou à irmã:

— Apareceu-me o espírito do pai a dizer-me que Deus nos queria sempre neste lugar, desejava que fôssemos bons ami-

(⁵) *Ibidem*, p. 268.

gos e que, por não haver mais pessoas na Terra, nos casássemos, para haver muita gente.

E logo Puiôna exclamou:

— Deus serviu-se da alma do nosso pai para nos comunicar a Sua vontade. Devemos obedecer-Lhe, para que nos ajude sempre.

Casaram, estabeleceram-se para sempre em Nunutcheno.

Logo no princípio, uma vez, Maupê, friccionando uns paus de bambu, acendeu fogo. Puiôna moldou umas panelas de barro, que cozeram ao sol. Puderam, assim, cozinhar os alimentos. Viviam felizes.

Passados tempos, o ventre de Puiôna começou a inchar. Era o primeiro filho em gestação. E indizível foi o contentamento dos esposos quando ele nasceu são e forte. Depois nasceram mais, ao todo, sete rapazes e sete raparigas (*).

Ao cabo de quinze «chuvas» (anos), Deus entregou-lhes uma galinha, que pôs muitos ovos e os chocou. Nasceram pintos, que cresceram e deram origem a todos os galináceos do Mundo. Os primeiros, ofereceram-nos Maupê e Puiôna a Deus e ao espírito do pai, em sacrifício.

Os filhos de Maupê e Puiôna cresceram também e ficaram adultos. Depois casaram-se entre si, procriaram e foram deixando o lar paterno. Um casal foi para Muapítine, outro para Loré, outro para Luro, outro para Lavai, enfim, foram-se todos espalhando pelo Mundo, até o repovoarem.

Contudo, o filho mais velho ficou com o pai, recebendo dele as tradições da família, para as transmitir aos vindouros. (7)



ANEXO III - A ilha faz-nos lembrar um corcodilo a nadar.



Planta de areca.



Fruta de areca e betle (bétel).



Planta de betle (bétel).

ANEXO IV - Areca e Betle (bétel)



ANEXO V – Lautém (Lospalos), ponta leste da ilha Timor.



Criança - Necessidade de imaginar e criar algo.



No cantinho de leitura despertar o imaginário da criança.



Produzindo os livros.



Contamos a alegria e a emoção de conseguir interagir na aventura das personagens.

ANEXO VI - Imaginários da Criança



Criança exercita a cidadania.



Crianças são amigos da natureza.

ANEXO VII – Sociedade e Natureza



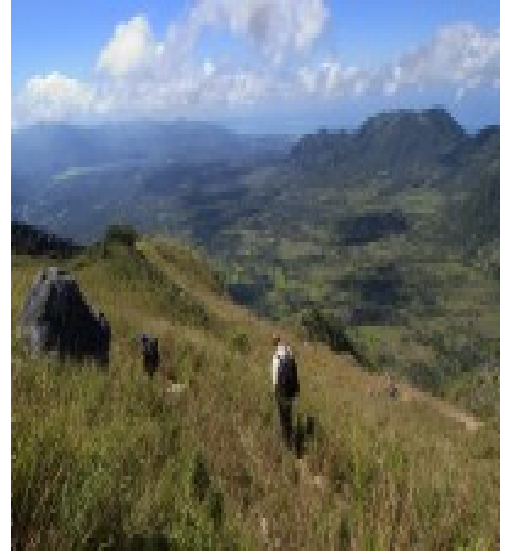
ANEXO VIII – Localização da ilha de Timor no mapa do mundo.



ANEXO IX - Distritos de Timor Loro Sa'e (Timor Leste).



Montanha Tata – Mai – Lau (Ramelau), situada na cordilheira central, distrito Ainaro.



Monte Matebian – Quelicai (Baucau), parte leste da ilha.



Localização do ponto mais alto (Monte Ramelau) – Timor Leste.



Criação de vacas nas montanhas.



As vacas a lavrar terra, para o cultivo de arroz.



Criação de pequenos cavalos



Cabras domésticas nas ruas de Dili.

ANEXO XI - Criação de Gados



Plantação de arroz.



Secagem de café na estrada de Maubisse para Same.



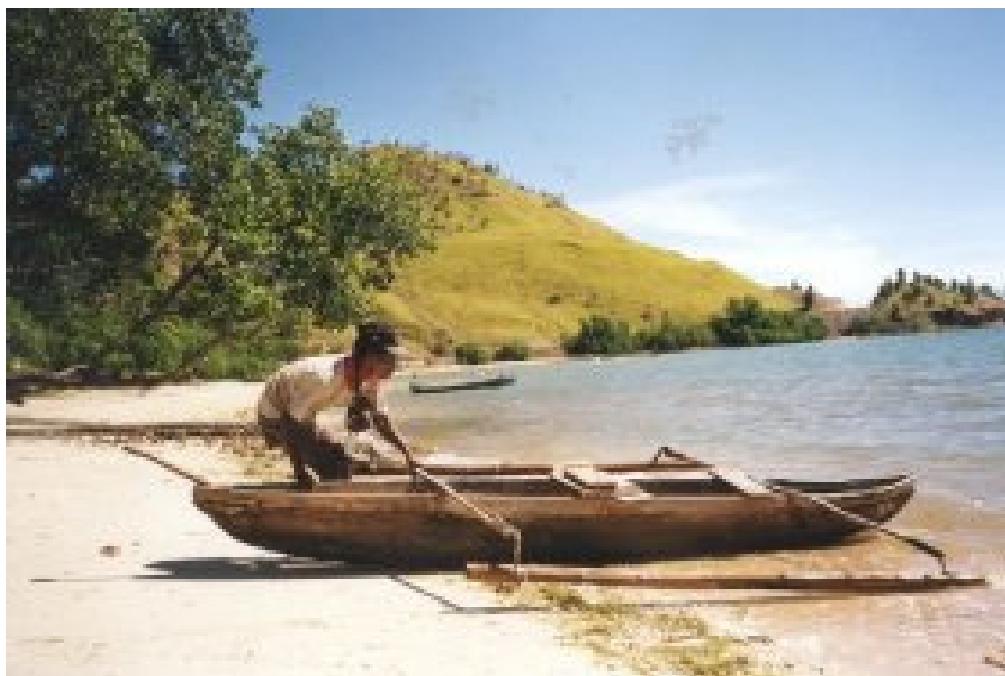
Café – Maubisse – Timor Leste.

ANEXO XII - Agricultura

ANEXO XIII – Pesca



Pescador fazendo um Babur.



Pequeno barco de pesca.



Venda de peixe.

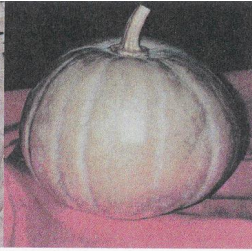


Venda de peixe nas ruas da cidade Dili.

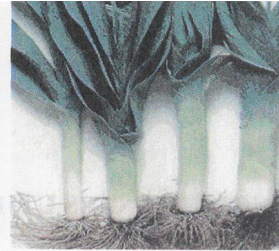
ANEXO XIV – Comida



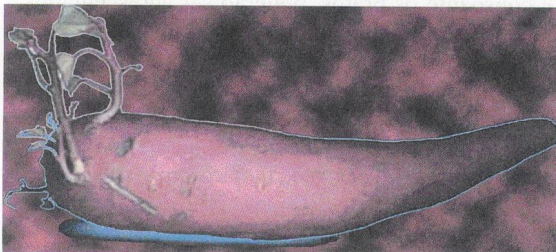
Cebola encarnada



Abóbora



Aipo



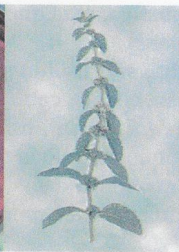
Batata doce



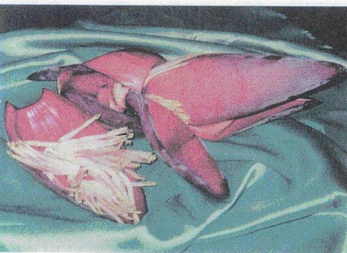
Canco



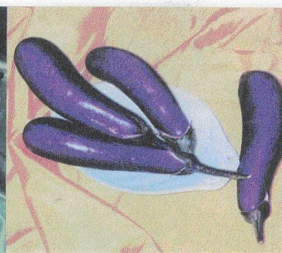
Cikomás



Gengibre



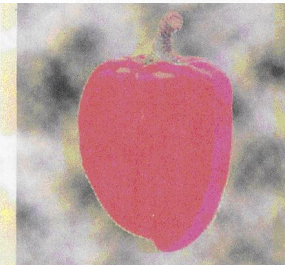
Flor da bananeira



Beringela



Feijão fortali



Pimento encarnado

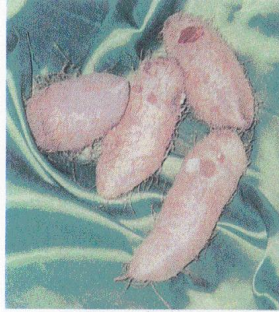


Rebentos de soja



Piripiri verde

Temperos usados na comida timorense.



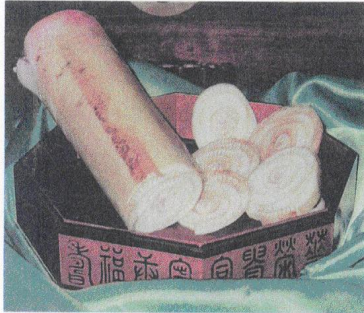
Cumbili



Tomate



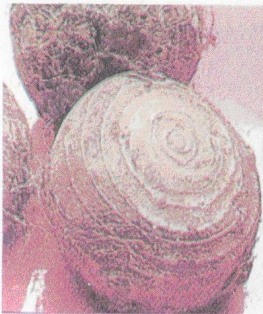
Cogumelos Orelha de rato



Caule de bananeira



Kotas



Inhame



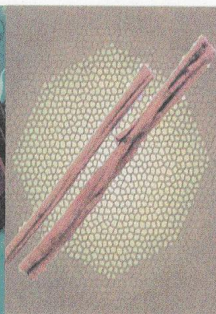
Quiabos



Milho



Mandioca

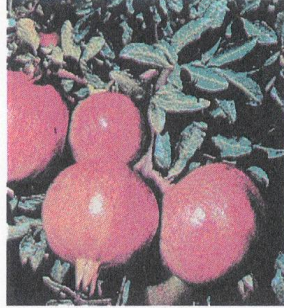


Pau de canela



Rebentos de bambú

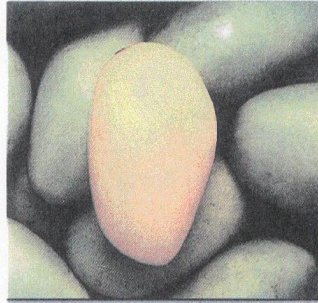
Os ingredientes mais usados nos pratos típicos.



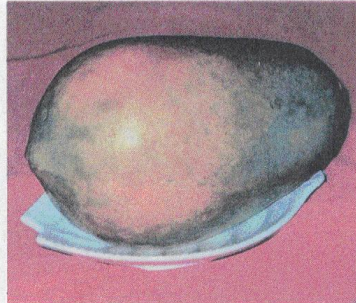
Romã



Mangustão



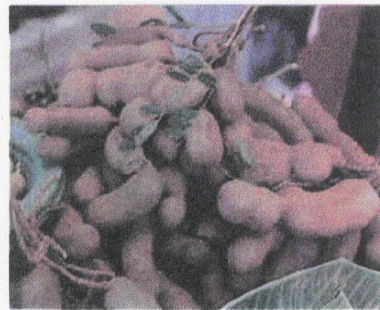
Manga



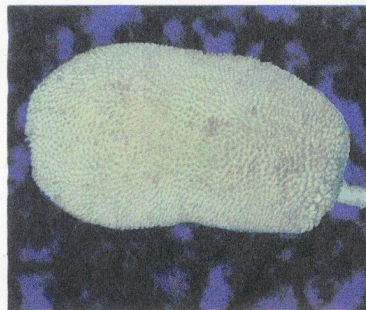
Papaia



Limão



Tamarindo

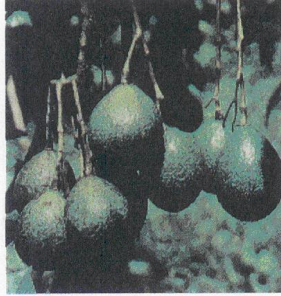


Jaca



Bilimbe

Frutas mais comuns em Timor.



Abacate



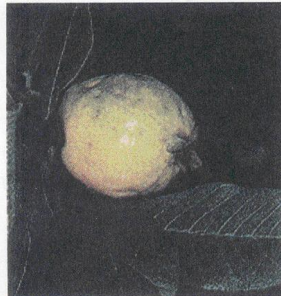
Aiata



Banana



Carambola



Goiaba



Chico



Jamborrosa



Lima

Frutas verdes naturais.



Catupa com peixe assado.



Catupa em cestinhas

Catupas preparadas para levar à viagem.



Venda de frutas nas ruas da cidade, Dili.



Venda de bananas tambaga no quiosque.

ANEXO XV – Danças



Dança de Batuque, Venilale – Baucau.



Dança Tebe Dai, Venilale
- Baucau.



Dança Batuque com lenço
da mulher, Suai.



50/51 Suai
Dança da águia

Dança Tradicional, Suai – Timor Leste.



Dança da águia, Suai – Timor Leste.

ANEXO XVI – Arte Tradicional



Tecendo pano típico de Timor.



Cesto para colher café.



Venda de cestos guarda comida, “luhu makerek”.



Cesto guarda jóias e colares.



Colar de tartaruga.



Colar (mortém), típico.



Vendas de Tais (pano típico, tecido), actividades das mulheres de Timor.



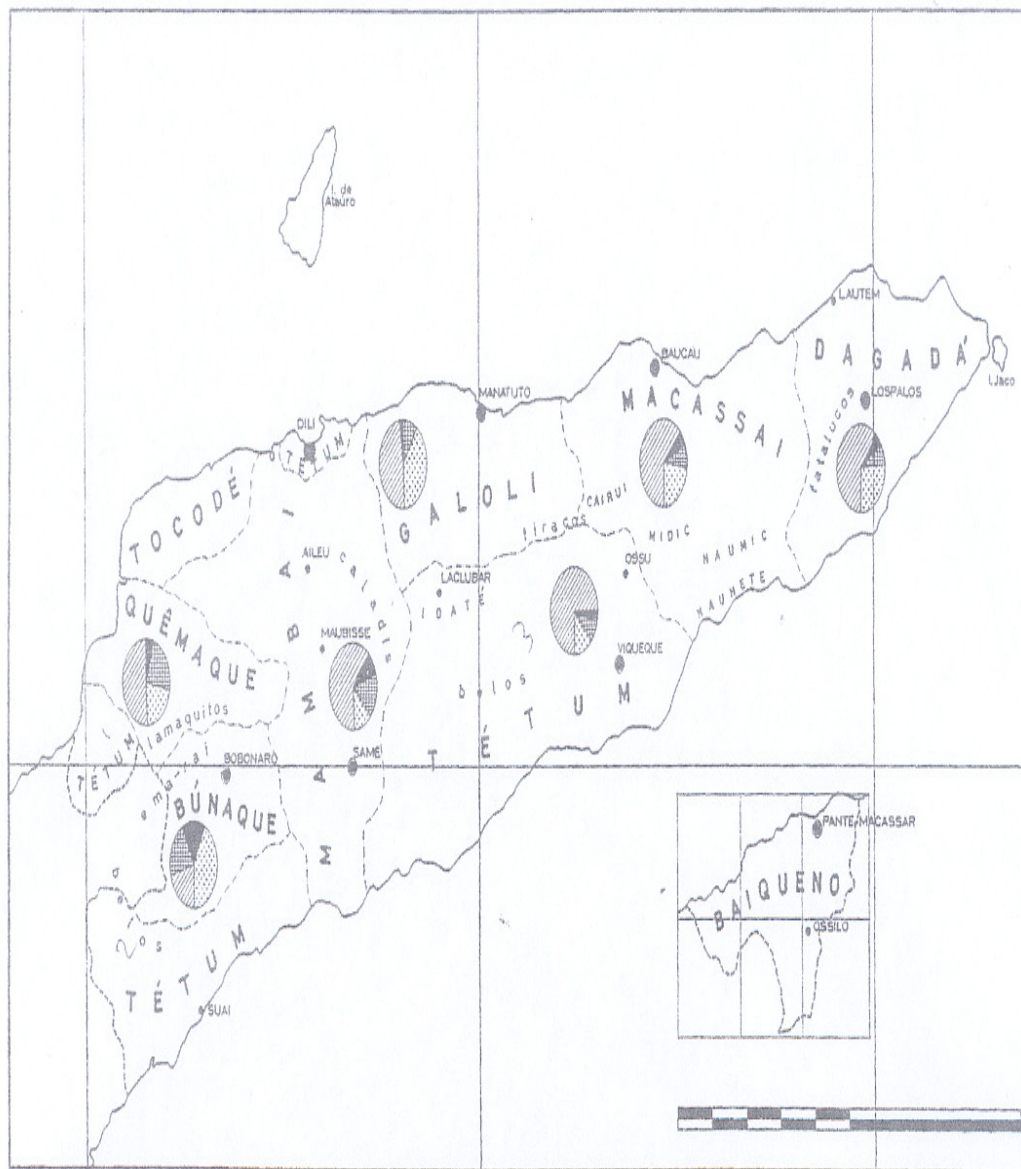
Colar de sementes.



Olaria – Fazendo panela de barro.

ANEXO XVII- Mapa de Raças, Etnias e Línguas (dialectos).

8 — Mapa das raças.



ANEXO XVIII – Igreja Católica em Timor



Igreja de Laleia (Manatuto).



Igreja Motael- Dili.



Catedral – Dili (Timor Leste).



Catedral Dili – vista ao lado esquerdo

ANEXO XIX – Crença



Altares de Sacrificios nas montanhas centrais de Timor.



Casa Típica (Uma Lulik/Lisan),
Same, Timor – Leste.



Casa típica de Lospalos, ponta
leste da ilha.

ANEXO XX– Outros Recursos



Praia de Metinaro, Dili, Timor – Leste.



Mar de Timor